



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS



PERFECT RESULTATIVO E EXPERIENCIAL: UM OLHAR PARA
A CONTRIBUIÇÃO DA INCREMENTALIDADE VERBAL E DA
DEFINITUDE DO DETERMINANTE DO COMPLEMENTO
VERBAL NO PORTUGUÊS

LUCAS BERNARDES DA SILVA

RIO DE JANEIRO
2025

LUCAS BERNARDES DA SILVA

***PERFECT* RESULTATIVO E EXPERIENCIAL: UM OLHAR
PARA A CONTRIBUIÇÃO DA INCREMENTALIDADE
VERBAL E DA DEFINITUDE DO DETERMINANTE DO
COMPLEMENTO VERBAL NO PORTUGUÊS**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção de título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Francês

Orientadora: Prof. Dra. Adriana Leitão Martins
Coorientadoras: Amanda Alevato de Sant'Anna e Thais Lima Lopes

FOLHA DE AVALIAÇÃO

LUCAS BERNARDES DA SILVA

DRE: 121127622

PERFECT RESULTATIVO E EXPERIENCIAL: UM OLHAR PARA A CONTRIBUIÇÃO DA INCREMENTALIDADE VERBAL E DA DEFINITUDE DO DETERMINANTE DO COMPLEMENTO VERBAL NO PORTUGUÊS

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade
Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção
de título de Licenciado em Letras na habilitação
Português/Francês

Data de avaliação: 22/12/2025

Banca Examinadora

Prof. Dra. Adriana Leitão Martins - Presidente da banca examinadora
Faculdade de Letras – UFRJ

NOTA: 10,0 (dez)

Prof. Ms. Amanda Alevato de Sant'Anna
Faculdade de Letras e Artes – UFRJ

NOTA: 10,0 (dez)

Prof. Ms. Thais Lima Lopes
Faculdade de Letras e Artes – UFRJ

NOTA: 10,0 (dez)

Prof. Dr. Alan de Sousa Motta
Faculdade de Letras e Artes – UFRJ

NOTA: 10,0 (dez)

MÉDIA: 10,0 (dez)

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

B522p Bernardes da Silva, Lucas
Perfect resultativo e experiencial: um olhar
para a contribuição da incrementalidade verbal e da
definitude do determinante do complemento verbal no
português / Lucas Bernardes da Silva. -- Rio de
Janeiro, 2025.
66 f.

Orientador: Adriana Leitão Martins.
Coorientador: Amanda Alevato de Sant'Anna.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Francês, 2025.

1. Aspecto perfect. 2. definitude. 3. verbos
incrementais. 4. português do Brasil. I. Leitão
Martins, Adriana, orient. II. Alevato de Sant'Anna,
Amanda, coorient. III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

AGRADECIMENTOS

Durante 4 anos, aguardei, ansiosamente, pela escrita desses agradecimentos. Minha trajetória na Letras-UFRJ não foi diferente e nem igual a de outros estudantes, mas acredito que ela tenha sido singular (não é sempre que você entra numa universidade pública renomada durante a pandemia de coronavírus).

Em primeiro lugar, agradeço à instituição CNPq pelo fomento da bolsa de pesquisa até o final da minha graduação (certamente foi uma luz). Mas, para além de uma bolsa, agradeço àquelas que me mostraram que pesquisar vai muito mais além do que ler um artigo; pesquisa de verdade é feita com bastante análise, bastante discussão e, se possível, sempre, prestando atenção à padronização dos estímulos nos estudos e na nossa escrita. Certamente, minha trajetória acadêmica só foi *perfect* porque tive a professora Adriana Leitão Martins como minha orientadora e as professoras Mestres Amanda Alevato de Sant’Anna e Thais Lima Lopes como coorientadoras, a vocês meninas, meus agradecimentos serão eternos.

Em segundo lugar, não poderia deixar de agradecer a todos os colegas da faculdade, professores e pessoas da vida que cruzaram meu caminho acadêmico, sem dúvidas pude aprender bastante e desenvolver-me ainda mais como estudante e professor. Contudo, há algumas amizades que jamais esquecerei e, tenho certeza, que jamais abandonarei. A essas amizades que chamo como segunda família, pois, quando vim ao Rio de Janeiro, fazendo uma trajetória de 6 horas (3 horas de ida e 3 horas de volta) entre Miguel Pereira e Fundão em 2022, foram esses amigos que estavam comigo ao meu lado; quando tive minha primeira crise de burnout aos 21 anos em 2024, na tentativa de conciliar trabalho, faculdade e uma vida adulta, foram esses amigos inesquecíveis quem estavam ao meu lado para me dar suporte mas, além de tudo, são esses mesmos amigos que vibraram comigo, e ainda estão a vibrar (certamente por longos anos), quando passei para o Mestrado em Linguística na UFRJ. A este longo parágrafo de muitas emoções, entre elas tristes e felizes, deixo meus agradecimentos do fundo do meu coração aos meus melhores amigos, quem considero minha segunda família – obrigado Marlon, Andressa e Daniella.

Em quarto lugar, deixo meus calorosos agradecimentos a minha família, meus grandes amigos que, sempre, torceram por mim desde o início, destacando meu querido Pai – Wolmar – quem desde cedo assumiu o papel paterno e materno quando minha mãe veio a falecer. Obrigado, Pai, por, sempre, fazer-me acreditar na educação desde criança, certamente a educação muda vidas!

E no final, meu caro leitor, tudo tem sido *perfect*.

RESUMO

BERNARDES, L. SILVA. *Perfect* resultativo e experiencial: Um olhar para a contribuição da incrementalidade verbal e da definitude do determinante do complemento verbal no português. 2025. Monografia (Graduação em Licenciatura em Letras na habilitação Português/Francês) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Esta monografia tem como objetivo geral contribuir para o entendimento acerca do aspecto *perfect* no português brasileiro (PB). Especificamente, busca-se investigar a contribuição do verbo incremental ligado à definitude do determinante que introduz o sintagma determinante (DP) complemento verbal para a leitura do *perfect* associado ao presente enquanto resultativo ou experiencial. Para que se atingisse o objetivo específico exposto, quatro hipóteses foram propostas para o PB: (i) independentemente do tipo de verbo (incremental ou não) empregado, sentenças com um DP complemento verbal introduzido por um determinante definido são sobretudo interpretadas como veiculadoras de *perfect* resultativo; (ii) independentemente do tipo de verbo (incremental ou não) empregado, sentenças com um DP complemento verbal introduzido por um determinante indefinido são sobretudo interpretadas como veiculadoras de *perfect* experiencial; (iii) sentenças com um DP complemento verbal introduzido por um determinante definido são mais interpretadas como veiculadoras de *perfect* resultativo quando formuladas com um verbo incremental do que quando formuladas com um verbo não incremental; (iv) sentenças com um DP complemento verbal introduzido por um determinante indefinido são mais interpretadas como veiculadoras de *perfect* experiencial quando formuladas com um verbo não incremental do que quando formuladas com um verbo incremental. Metodologicamente, desenvolveu-se um experimento *offline* de interpretação de sentenças com opções de resposta, sendo as sentenças alvo formuladas com as seguintes propriedades cruzadas entre si: (i) verbos incrementais e não incrementais e (ii) determinantes definidos e indefinidos no DP complemento verbal. Foram consideradas as respostas obtidas de 65 respondentes do teste falantes nativos no PB. Com base nos dados coletados, evidenciou-se que as interpretações de *perfect* experiencial e *perfect* resultativo emergiram independentemente do determinante que introduzisse o DP complemento verbal, sendo 54% de resultado com o determinante definido, 80% de interpretação de experiência com o determinante indefinido, 62% de interpretação de resultado com sentenças com verbos incrementais com o determinante definido, 52% de interpretação de experiência com sentenças com verbos não incrementais com o determinante definido, 79% de interpretação de experiência com sentenças com verbos incrementais com o determinante indefinido e 81% de interpretação de experiência com sentenças com verbos incrementais com determinante indefinido. Dessa forma, discutiu-se que a classificação do aspecto *perfect* em 3 tipos disposta por Pancheva (2003) não aparenta ser pertinente, sendo a classificação em 2 tipos proposta por McCawley (1981) mais compatível com os resultados deste estudo.

Palavras chaves: aspecto *perfect*; definitude; verbos incrementais; português do Brasil

ABSTRACT

This study has as its general objective to contribute to the comprehension of perfect aspect in Brazilian Portuguese (PB). Specifically, it tries to investigate the contribution of the incremental verbal connected to the definiteness of determiner which introduces the verbal complement determiner phrase for perfect readings associated with the present tense while resultative or experiential. Pursuing these objectives, four hypotheses were developed to the PB: (i) independent of the verb type (incremental or not), used, propositions with a verbal complement determiner phrase introduced by an indefinite determiner will, in general, be interpreted as carrying the content of experiential perfect aspect. (ii) independent of the verb type (incremental or not), used, propositions with a verbal complement determiner phrase introduced by a definite determiner will, in general, be interpreted as carrying the content of result perfect aspect. (iii) propositions with a verbal complement determiner phrase introduced by a definite determiner are more interpreted as carrying the content of resultative perfect aspect when formulated with an incremental verb than formulated with a *non* incremental verb. (iv) propositions with a verbal complement determiner phrase introduced by an indefinite determiner are more interpreted as carrying the content of experiential perfect aspect when formulated with a *non* incremental verb than formulated with an incremental verb. For the methodology, it was developed an proposition interpretation *offline* experiment with options to answer. The target phrases were formulated with the following properties: (i) proposition with incremental verbs and propositions without the incremental verbs; (ii) definites and indefinites determiners in the DP verbal complement. It was considered the answers of 65 native speakers of PB participants for the test. Following the data collected, it showed that experiential perfect and resultative perfect interpretations appeared independent of the determiner which introduced the DP verbal complement, from these data 54% was of resultative with a definite determiner, 80% was of experiential with indefinite determiner, 62% was of resultative interpretation with propositions with incremental verbs with definite determiners, 52% was of experiential interpretation with propositions without incremental verbs with definite determiner, 79% was of experiential interpretation with propositions with incremental verbs with an indefinite determiner and 81% was of experiential interpretation with proposition without incremental verbs with an indefinite determiner. So, it was discussed that the classification of perfect aspect in 3 types as proposed by Pancheva (2003) it shows not to be appropriated, in contrast, we detach that the classification in 2 types, as proposed by McCawley (1981) shows to be more appropriated.

Keywords: perfect aspect, definiteness, incremental verb, Brazilian Portuguese

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. A CATEGORIA ASPECTUAL.....	13
2.1. ASPECTO.....	13
2.2. A REPRESENTAÇÃO SINTÁTICA DE ASPECTO.....	17
2.3. A REPRESENTAÇÃO ASPECTUAL DO PERFECT.....	19
3. VERBOS INCREMENTAIS.....	23
4. O EFEITO DE DEFINITUDE.....	27
5. METODOLOGIA.....	33
5.1. TESTE DE INTERPRETAÇÃO DE SENTENÇAS.....	33
5.3. PARTICIPANTES.....	37
6. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	39
6.1. RESULTADOS COM DETERMINANTE DEFINIDO.....	39
6.2. RESULTADOS COM DETERMINANTE INDEFINIDO.....	41
6.3. RESULTADO COMPARATIVO.....	43
6.4. DISCUSSÃO.....	45
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	50
APÊNDICE A - TESTE DE INTERPRETAÇÃO DE SENTENÇAS.....	52
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO.....	63
APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO PESSOAL.....	64

1. INTRODUÇÃO

Com a chegada da revolução cognitivista, Chomsky, na segunda metade do século XX, propõe, após seu renomado estudo “Estruturas sintáticas” (Chomsky, 1957), a “Teoria de Princípios e parâmetros” (Chomsky, 1981). Entende-se, dentro dos estudos gerativistas, que o processo de desenvolvimento da linguagem parte de uma dotação inata, ou seja, entende-se que a capacidade linguística de um falante seja resultante de um fator biológico pré-determinado a ele. Considerando a capacidade inatista em adquirir uma língua, Chomsky (1981) propõe que todo falante dispõe de uma faculdade da linguagem, em que os componentes linguísticos são organizados em módulos – como sintaxe, semântica, fonologia – regidos por princípios específicos para que esse falante possa processar estruturas do ponto de vista sintático, semântico e fonológico, por exemplo.

Ao compreendermos que há uma faculdade da linguagem atuante no processamento linguístico, cabe questionarmo-nos, então, como possuímos a capacidade, quando expostos a dados linguísticos do meio externo, de produzirmos sentenças que respeitem as regras dispostas na língua que recebemos desse *input*? A partir desse questionamento, Chomsky (1981) propõe a existência de uma gramática universal (GU), onde haja princípios e parâmetros linguísticos possíveis de serem realizados em qualquer língua. Entendemos como princípios regras a serem realizadas em todas as línguas, por exemplo o Princípio da Projeção Estendida, que acentua que toda sentença deva sempre ter um sujeito. Acerca dos parâmetros, é possível entendê-los como regras a serem, possivelmente, realizadas nas línguas ou não, por exemplo o parâmetro do sujeito nulo, que determina que uma língua pode não manifestar a realização fonética do sujeito, como no caso do português do Brasil.

Evidencia-se que categorias lexicais, as quais veiculam um significado lexical a partir do mundo externo, podem ser expressas de maneiras semelhantes nas línguas. Em contrapartida, as categorias funcionais, que possuem uma função gramatical, ou seja, um valor essencial à gramática, podem ter sua manifestação de diversas maneiras nas línguas naturais. No que tange às categorias funcionais, pode-se citar, como uma categoria relevante para este estudo, a aspectual, a qual, segundo Comrie (1976), possibilita-nos visualizar as diversas perspectivas temporais internas de um determinado evento, diferentemente da categoria temporal, a qual nos possibilita apenas visualizar a localização do evento em relação a um ponto de referência. Segundo Comrie (1976), a categoria de aspecto gramatical pode ser dividida em dois tipos: perfectividade, como no exemplo em (1), em que podemos visualizar a

completude do evento, e a imperfectividade, como no exemplo em (2), na qual identificamos a incompletude do evento.

(1) João trabalhou.

(2) João trabalhava.

O autor destaca a possibilidade de manifestação de outro aspecto – o *perfect*. Em relação a esse aspecto, Pancheva (2003) destaca que o *perfect* relaciona dois pontos na linha temporal, estabelecendo, assim, um intervalo de tempo formado entre o momento do evento e o momento de referência. Esse intervalo é definido como *perfect time span* (PTS) (Pancheva, 2003). Entende-se que esse aspecto pode estar associado aos tempos passado, presente e futuro (Comrie, 1976), e, quando associado ao tempo presente, o momento de realização ou de início do evento é localizado no passado e o momento de referência é situado no presente.

No que concerne ao aspecto *perfect*, Pancheva (2003) propõe uma classificação em três tipos para esse aspecto, universal, experiencial e resultativo, os quais são definidos a seguir tendo o presente como o momento de referência. O *perfect* universal pode ser compreendido como a relação de um evento iniciado no passado que perdura até o momento presente. Já o *perfect* experiencial está relacionado à experiência presente proporcionada pela realização de um evento, pelo menos uma vez, no passado. Por fim, o *perfect* resultativo consiste na possibilidade de verificação do resultado no presente de um evento realizado e concluído no passado. Os exemplos de (3) a (5) a seguir ilustram, respectivamente, esses três tipos de *perfect*, sendo os dois últimos de particular interesse para este estudo.

(3) João tem trabalhado em casa.

(4) João já trabalhou na França.

(5) João já chegou no trabalho.

Além da categoria aspectual, é possível também destacar o efeito de definitude que, geralmente, se manifesta pelos determinantes de uma língua. Segundo Lyons (1999), os determinantes definido e indefinido podem evocar interpretações de familiaridade, como no exemplo em (6), e identificabilidade, como no exemplo em (7).

(6) Eu comprei o carro.

(7) Eu comprei um carro.

Ao comparar as sentenças em (6) e (7), Lyons (1999) acentua que a presença do determinante definido pode evocar uma interpretação de singularidade à sentença, assim facilitando o reconhecimento do “carro” enunciado, enquanto a realização do determinante indefinido não produz esse efeito. Contudo, o autor acentua que a manifestação do efeito de definitude não estaria apenas relacionada ao determinante ser definido ou indefinido. Segundo Lyons (1999), o efeito de definitude pode estar além do sintagma nominal, ou seja, sua interação com outros constituintes morfossintáticos e outras categorias funcionais, por exemplo a aspectualidade, pode contribuir para uma especificação ou não de um determinado evento.

No que se refere, especificamente, à distinção aspectual entre *perfect* experiencial e resultativo, destaca-se o trabalho desenvolvido por Sant’Anna, Martins e Gomes (2019), no qual os autores analisaram se o ordenamento do advérbio “já” em posição pré ou pós sintagma verbal poderia influenciar nas leituras de *perfect* resultativo ou experiencial. Com base em seus dados coletados, os autores argumentaram que não há uma influência nas leituras de resultado ou experiência a depender da posição do advérbio na sentença. Contudo, eles argumentam que o papel da definitude do determinante que introduz o sintagma determinante (doravante DP) complemento verbal poderia ser um fator principal para desencadear essas leituras aspectuais.

A partir do estudo de Sant’Anna, Martins e Gomes (2019), Bernardes e Numakura (2023) investigaram especificamente a contribuição da definitude do determinante que introduz o DP complemento verbal no português brasileiro para a interpretação de *perfect* resultativo ou experiencial em sentenças com “já” e verbo no pretérito perfeito. Seus resultados experimentais revelaram que há uma interpretação majoritária de *perfect* resultativo em sentenças com o determinante definido e de *perfect* experiencial em sentenças com o determinante indefinido, mas foram identificados alguns problemas de caráter metodológico e, ainda, verificou-se a necessidade de analisar o papel do tipo de verbo empregado nas sentenças estudadas.

Desse modo, a partir do exposto acima, este trabalho tem como objetivo geral contribuir para a caracterização do aspecto *perfect* nas línguas. Como objetivo específico desta monografia, busca-se investigar a interpretação enquanto *perfect* resultativo ou experiencial de sentenças no português brasileiro (doravante PB) formadas por um verbo ora incremental, ora não incremental no pretérito perfeito associado ao advérbio “já” e seguido de um DP complemento verbal introduzido por um determinante ora definido, ora indefinido.

Metodologicamente, aplicou-se um experimento linguístico a falantes nativos do PB que consistia na interpretação de sentenças formadas por verbos ora incrementais ora não incrementais e um determinante, ora indefinido ora definido, introduzindo o DP complemento verbal para verificar sua contribuição em relação às interpretações de *perfect* resultativo e experiencial.

Para desenvolver este estudo, partimos de 4 hipóteses acerca das sentenças com verbo no pretérito perfeito e o advérbio “já” no PB, a saber: (i) independentemente do tipo de verbo (incremental ou não) empregado, sentenças com um DP complemento verbal introduzido por um determinante definido são sobretudo interpretadas como veiculadoras de *perfect* resultativo; (ii) independentemente do tipo de verbo (incremental ou não) empregado, sentenças com um DP complemento verbal introduzido por um determinante indefinido são sobretudo interpretadas como veiculadoras de *perfect* experiencial; (iii) sentenças com um DP complemento verbal introduzido por um determinante definido são mais interpretadas como veiculadoras de *perfect* resultativo quando formuladas com um verbo incremental do que quando formuladas com um verbo não incremental; (iv) sentenças com um DP complemento verbal introduzido por um determinante indefinido são mais interpretadas como veiculadoras de *perfect* experiencial quando formuladas com um verbo não incremental do que quando formuladas com um verbo incremental.

Esta monografia está dividida da seguinte maneira: no primeiro capítulo, serão expostos os pressupostos teóricos acerca da categoria aspectual, sua representação e a definição do *perfect*. No capítulo 2, será apresentada uma explicação acerca do verbo incremental. No capítulo 3, será abordada a definição de definitude, seus valores no PB e sua contribuição para a interpretação aspectual. Já no capítulo 4, será descrita a metodologia adotada neste estudo. No capítulo 5, serão analisados e discutidos os dados coletados. E, por fim, no capítulo 6, serão dispostas as considerações finais deste trabalho.

2. A CATEGORIA ASPECTUAL

No decorrer dos anos, pesquisadores gerativistas debruçaram-se vastamente em análises acerca da compreensão das categorias funcionais e suas expressões por meio de constituintes morfossintáticos nas línguas naturais. Sobre essas essas categorias, destaca-se a expressão aspectual, a qual será estudo de análise deste presente capítulo.

2.1. ASPECTO

Ao analisarmos aspectualidade, torna-se fundamental compreender que há a possibilidade de uma expressão aspectual tanto por um viés semântico quanto gramatical. No que tange ao aspecto semântico, podemos entendê-lo como a manifestação aspectual provinda do âmbito lexical, como do significado inerente à raiz do verbo, por exemplo. À luz de Vendler (1957), cada verbo estaria relacionado a um tipo, tal como “estado”, exemplificado em (8), “atividade”, em (9), “processo culminado”, em (10), e “culminação”, em (11).

(8) João está feliz.

(9) Maria corre.

(10) Luana come uma maçã.

(11) Maria quebrou o vaso.

Ao analisar cada sentença disposta aos tipos de verbo propostos por Vendler (1957) compreende-se que (8) diz respeito a um estado de “João” (estar feliz), em que não há uma mudança de seu estado no decorrer do tempo. O tipo “atividade” caracteriza um evento que não apresenta um ponto final inerente linguisticamente expresso, como exemplificado em (9). Logo, podemos analisar o exemplo como um evento em que não há a indicação do momento final da corrida realizada por Maria. Em contrapartida, o tipo “processo culminado” nos fornece um ponto final inerente linguisticamente expresso¹, como previsto no exemplo em

¹Ressalta-se que, assim como analisado por Verkuyl (1972), a definição vendleriana ao processo culminado é incoerente, tendo em vista que a noção de culminação não é prevista pelo verbo a partir do léxico mas, sim, pela composição dos constituintes morfossintáticos dispostos no sintagma verbal, por exemplo:

(A) Maria corre.

(B) Maria corre em uma hora.

A sentença (A) nos informa sobre um evento sem um ponto final inerente explicitado, assim, levando à classificação do verbo como “atividade”. No entanto, ao analisarmos a sentença (B), identificamos o mesmo verbo empregado acompanhado de uma expressão adverbial (“em uma hora”) que delimita o tempo de corrida

(10), no qual entende-se que o ato de comer realizado por Luana terá seu fim no momento em que a maçã for toda consumida. Por fim, verbos classificados como do tipo “culminação” dispõem dessa definição por estarem relacionados a um evento que possui seu início e fim de forma instantânea, por exemplo em (11), em que o evento “quebrar” não um processo prévio que culmina em um resultado final.

Em um estudo tipológico de diferentes línguas, Comrie (1976) analisou realizações aspectuais em inúmeras línguas, destacando que, em comparação à categoria temporal, que relaciona eventos a um ponto de referência, fornecendo uma perspectiva dêitica, a categoria aspectual não possibilita o estabelecimento da relação do tempo da situação com algum ponto temporal específico, mas viabiliza a visualização da estrutura temporal interna da situação. Diferentemente de Vendler (1957), Comrie (1976), ao analisar a aspectualidade, evidencia que haja dois tipos básicos a essa categoria linguística: perfectividade e imperfectividade. Vejamos os exemplos em (12) e (13) abaixo.

(12) João trabalhou.

(13) João trabalhava.

Ao apoiarmo-nos na definição do autor de que a categoria aspectual nos fornece a informação do evento em diversas perspectivas, podemos analisar, então, que, na sentença em (12), visualizamos o evento de “João trabalhar” como um bloco de tempo no passado. Sendo assim, pode-se afirmar que essa sentença veicula o valor aspectual perfectivo, pois visualizamos o evento como um todo. Em comparação, na sentença em (13), notamos, de antemão, que o evento pode ser visualizado por meio de diversas perspectivas – no início, em seu processo ou no seu fim. Com isso, pode-se concluir que essa sentença veicula o valor aspectual imperfectivo, pois visualizamos o evento focalizando uma de suas fases internas. Graças à análise de Comrie (1976), podemos compreender os aspectos básicos nas línguas – perfectivo e imperfectivo –, no entanto o autor destaca que é possível a expressão de um terceiro aspecto junto a um desses dois: o aspecto *perfect*.

Segundo Pancheva (2003), o *perfect* pode ser definido como um aspecto que relaciona uma situação a dois pontos no tempo, o momento do evento e o momento de referência, cuja definição é dada como *Perfect Time Span* (PTS). Destaca-se que, segundo Comrie (1976), esse aspecto pode estar relacionado ao tempo presente, passado e futuro. No entanto, para este

realizado por Maria e, conseqüentemente, nos fornecendo o ponto de culminação do evento, ou seja, seu fim, levando à classificação do verbo como “processo culminado”.

trabalho, o objetivo do estudo está centrado em sua realização tomando-se o tempo presente como momento de referência.

Mesmo com diversas análises sobre o *perfect*, sua classificação na literatura ainda é divergente entre os autores. Por exemplo, Comrie (1976) classifica esse aspecto em 4 tipos: *perfect* universal, *perfect* experiencial, *perfect* resultativo e *perfect* de passado recente. Em contrapartida, Pancheva (2003) propõe que o *perfect* seja classificado em três tipos: *perfect* universal, *perfect* experiencial e *perfect* resultativo. Quando esses aspectos estão associados ao tempo presente, recebem as seguintes definições:

A) *Perfect* universal: relaciona um evento que se iniciou no passado com o presente, uma vez que o evento perdura até o momento presente, como em (14).

(14) *Since 2000, Alexandra has lived in LA.*

(‘Desde 2000, Alexandra tem morado em LA.’)

B) *Perfect* experiencial: relaciona um evento do passado com o presente, sendo sua realização feita, pelo menos, uma vez no passado, como em (15).

(15) *Alexandra has been in LA (before).*

(‘Alexandra esteve em LA (antes).’)

C) *Perfect* resultativo: relaciona um determinado evento do passado com o presente, uma vez que o resultado do evento pode ser verificado no momento de referência presente, como em (16).

(16) *Alexandra has (just) arrived in LA.*

(‘Alexandra chegou/ acabou de chegar em LA.’)²

Ao analisarmos a sentença em (14), verificamos que o evento de “morar” se iniciou no passado e perdura até o momento presente, que, nesse caso, é o momento de referência. Já em (15), analisa-se que “estar em LA” pelo menos uma vez no passado proporcionou ao sujeito uma experiência, conectando, assim, o evento finalizado no passado com o momento de referência no presente. Por fim, em (16), compreende-se que, a partir da realização do evento

² Os exemplos de (11) a (13) foram retirados de Pancheva (2003, p. 277).

no passado, é possível verificar o resultado do evento no momento de referência no presente. Logo, o evento de “chegar em LA” pode ser analisado como desencadeador do resultado dessa ação, ou seja, o sujeito está no local onde chegou.

Em um caminho distinto de Comrie (1976) e Pancheva (2003), McCawley (1981) e Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003) assumem que o aspecto *perfect* seja classificado em dois tipos: *perfect* universal e *perfect* existencial. No que se refere ao universal, esse aspecto indica que um evento iniciado no passado prevalece durante algum intervalo, estendendo-se do passado até o presente, como exemplificado em (17).

(17) *I've known Max since 1960.*

(‘Eu conheço Max desde 1960.’)

Ao analisarmos a sentença em (17), compreende-se que o sujeito da oração conhece Max desde 1960 e essa relação de conhecimento perdura até o momento presente. Já sobre o *perfect* existencial, entende-se que haja a existência de um evento realizado no passado que repercute no presente, por exemplo em (18).

(18) *I have read 'Principia Mathematica' five times.*³

(‘Eu li *Principia Mathematica* cinco vezes.’)

Com base em (18), compreendemos que haja uma relação entre a leitura de “*Principia Mathematica*” cinco vezes no passado e o resultado dessa leitura, a qual ocasionou, ao sujeito, uma experiência no presente.

Ao verificarmos a literatura acerca do aspecto *perfect*, podemos identificar diversos estudos sobre sua realização, interpretação e classificação. Porém, dentre eles, destaco o trabalho desenvolvido por Nespoli (2018), cujo objetivo consistiu em mapear as realizações morfossintáticas que licenciam o aspecto *perfect* em línguas românicas (português europeu, português do Brasil, francês, espanhol e italiano).

De antemão, Nespoli (2018) assumirá a classificação do *perfect* em dois tipos: universal e existencial. A partir dessa classificação, a autora buscou analisar quais morfologias e constituintes morfossintáticos poderiam licenciar ou, pelo menos, contribuir para a expressão de *perfect* universal e existencial. Considerando o recorte feito para este trabalho, cabe destacar que o estudo realizado por Nespoli (2018) identificou que, no

³ Os exemplos em (14) e (15) foram retirados de McCawley (1981, p. 81).

português brasileiro, a expressão de *perfect* universal pode se manifestar através do passado composto, como ilustrado em (19), pelo presente simples, como exemplificado em (20), e pela perífrase progressiva, como demonstrado em (21), enquanto o *perfect* existencial pode ser expresso através do passado perfectivo, contudo, com o advérbio “já”, foneticamente realizado ou não, presente na sentença, como apresentado em (22).

(19) O vizinho tem recebido o jornal em casa desde 1990.

(20) Eu moro no Rio de Janeiro desde 1990.

(21) Eu estou estudando para concursos ultimamente.

(22) José já esteve no sul do país.⁴

Ao analisarmos os exemplos (19), (20) e (21), identificamos que os eventos (receber o jornal, morar e estudar) iniciados no passado (desde 1990 e ultimamente) possuem uma conexão entre seu início e o momento de referência, acentuando que esses eventos perduram até o momento presente, logo caracterizando-se como expressões de *perfect* universal. Por outro lado, o exemplo (22) nos apresenta um evento iniciado e finalizado no passado (estar no sul do país), porém a realização do advérbio “já” implica uma conexão entre o resultado desse evento finalizado (o qual ocasionou uma experiência, de pelo menos uma vez, José ter estado no sul do país) com o momento presente, assim caracterizando-se como uma expressão de *perfect* existencial.

Nesta monografia, tenho como apoio a classificação do *perfect* em 3 tipos adotada por Pancheva (2003), buscando verificar fatores linguísticos que desencadeiam leituras de *perfect* resultativo e experiencial no português brasileiro. Nas duas próximas seções deste capítulo, serão apresentadas discussões sobre a representação de aspecto como um todo, na seção 2.2, e do aspecto *perfect* em particular, na seção 2.3, na estrutura da sentença.

2.2. A REPRESENTAÇÃO SINTÁTICA DE ASPECTO

O estudo sobre o funcionamento do sintagma flexional (IP) levou Pollock (1989) a analisar a ordem de realização do verbo em relação ao advérbio intrassentencial de modo na

⁴ Os exemplos (22) a (25) foram retirados de Nespoli (2018, p. 121 e 122)

língua francesa, como ilustrado pelo confronto entre (23) e (25), em comparação com essa ordem na língua inglesa, como exemplificado pelo confronto entre (24) e (26)⁵.

(23) *Jean embrasse souvent Marie.*

(‘João beija frequentemente Maria.’)

(24) *John often kisses Mary.*

(‘João frequentemente beija Maria.’)

(25) **Jean souvent embrasse Marie.*

(‘João frequentemente beija Maria.’)

(26) **John kisses often Marie.*

(‘João beija frequentemente Maria.’)

Ao analisar ambas as línguas, Pollock (1989) constatou que, na língua francesa, existe a necessidade do movimento do verbo lexical flexionado para antes do advérbio (*souvent* / ‘frequentemente’), como em (23). O autor acentua que o seu não movimento acarreta em uma sentença agramatical, como em (25). Em contrapartida, na língua inglesa, o movimento do verbo lexical flexionado não é permitido, logo ele se mantém à direita do advérbio, como em (24). Como analisado pelo autor, a tentativa de seu movimento para a esquerda do advérbio ocasiona como resultado uma sentença agramatical, como em (26). Pollock (1989) analisa também a posição do verbo relativa à partícula de negação, tendo em vista que, no francês, o constituinte *pas* se manifestará à esquerda do verbo lexical no infinitivo, como em (27), mas à direita do verbo lexical flexionado, como em (28).

(27) *Ne pas embrasser souvent Marie.*

(‘Não beijar frequentemente Maria.’)

(28) *Jean n’embrasse pas souvent Marie.*

(‘João não beija Maria frequentemente.’)

Com base nos dados empíricos dispostos pelo autor, verifica-se que a realização do verbo lexical no infinitivo ocorre à direita da partícula de negação “*pas*” (‘não’) e à esquerda do advérbio “*souvent*” (‘frequentemente’), enquanto a realização do verbo lexical flexionado

⁵ O estudo de Pollock (1989) envolve também a análise da ordem do verbo em relação à partícula de negação e ao quantificador, bem como de sentenças com verbo lexical e auxiliar, tanto flexionado quanto infinitivo. Nesta revisão, porém, apresenta-se apenas um recorte das análises do autor e suas principais conclusões.

ocorre à esquerda da partícula de negação “*pas*” (‘não’) e do advérbio “*souvent*” (‘frequentemente’). Pollock (1989) constata que o movimento do verbo no francês seja motivado pelo traço de concordância [AGR] entre o verbo e o sujeito da sentença. Assim, pelo fato de o francês apresentar uma morfologia mais forte em relação à língua inglesa, o movimento do verbo seria essencial para evitar a agramaticalidade das sentenças. A partir dessa análise, o autor propõe, então, uma cisão do IP, argumentando que haja nódulos sintáticos independentes: AgrP (sintagma de concordância) e TP (sintagma de tempo).

Graças à cisão de Pollock, a categoria flexional foi revista com outras perspectivas, chamando a atenção de outros autores a buscarem novas análises para explicar fenômenos linguísticos nas línguas. Um trabalho de destaque, sucedido pelo de Pollock (1989), é o de Bok-Bennema (2001). Assim como no estudo de Pollock (1989), Bok-Bennema (2001) propõe que, dentro do IP, haja um nódulo flexional independente para a aspectualidade. Ao analisar a língua francesa e a língua hispânica, a autora propõe a existência de um operador “PERF” que seria extensional no sentido de abarcar a existência tanto da eventualidade quanto de seu resultado. A autora analisa que, a partir do traço verbal forte de tempos complexos, existiria o movimento do verbo a um nódulo funcional mais alto, onde seria especificado o traço do participio passado, evidenciando o traço perfectivo, [+PERF], ou imperfectivo, [-PERF], e resultando, assim, na manifestação da categoria aspectual (ASP_{perf}) (Bok-Bennema, 2001).

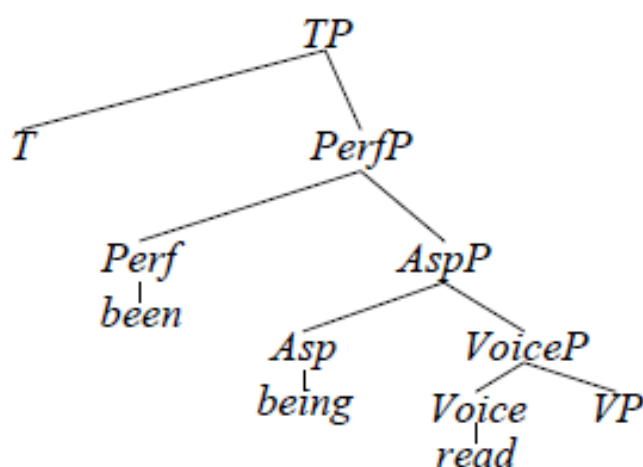
Com base nas análises de Pollock (1989) e de Bok-Bennema (2001), buscamos apresentar um breve histórico do refinamento da camada flexional da sentença e da inserção nela da categoria aspectual. A partir disso, acreditamos ser possível ter uma melhor compreensão acerca da representação do aspecto *perfect* na camada flexional, tema que será desenvolvido na seção seguinte.

2.3. A REPRESENTAÇÃO ASPECTUAL DO *PERFECT*

Como foi apresentado na seção 2.1, a classificação do aspecto *perfect* pode variar em três tipos (Pancheva, 2003), em dois tipos (McCawley, 1981; Iatridou; Anagnostopoulou; Izvorski, 2003; Nespoli, 2018) e até mesmo em quatro tipos (Comrie, 1976). Contudo, esta seção tem como objetivo discutir acerca da representação do aspecto *perfect* em nossas gramáticas mentais, considerando que, a partir da proposta cisão do IP (Pollock, 1989), a categoria aspectual é uma categoria funcional que deve, portanto, respeitar uma construção hierárquica dentro da formulação sintática arbórea (Chomsky, 1970).

Em primeiro lugar, cabe destacar o trabalho desenvolvido por Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003), em que os autores propõem a inserção na camada flexional de apenas um sintagma que representa o *perfect* – o PerfP, no qual as informações sobre *perfect* universal e *perfect* existencial estariam alocadas. A seguir, na figura 1, apresenta-se a realização do nóculo sintático de *perfect*.

Figura 1 – Representação sintática do aspecto *perfect*, segundo Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003).



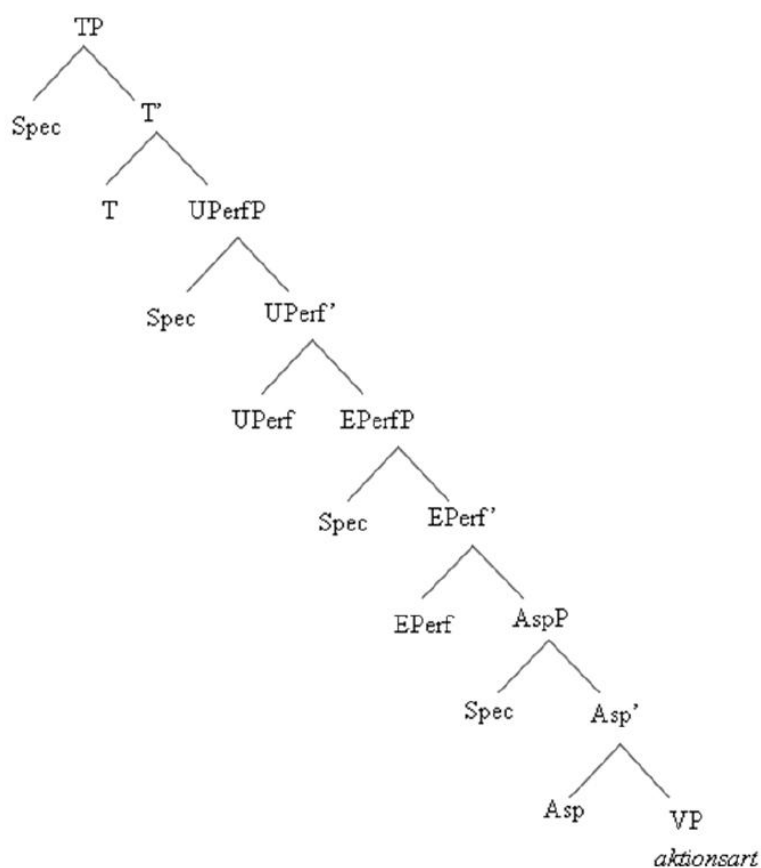
Fonte: Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003, p. 181)

Com base na proposta de Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003), compreende-se que o sintagma AspP contém os traços [+/- delimitado], que, quando positivado, leva à expressão de um evento perfectivo e, quando negativado, à expressão de um evento imperfectivo. Para que se compreenda, então, o funcionamento de PerfP, considera-se que a ativação desse sintagma possibilita a expressão tanto de *perfect* universal quanto de *perfect* existencial. Assim, quando o traço no núcleo de PerfP é valorado positivamente e, ao mesmo tempo, o traço no núcleo de AspP é igualmente valorado positivamente, temos a expressão do *perfect* existencial, uma vez que temos a delimitação do evento imposta pelo traço [+ delimitado]. Em contrapartida, quando o traço no núcleo de PerfP é valorado positivamente e, ao mesmo tempo, o traço no núcleo de AspP é valorado negativamente, o *perfect* universal é veiculado, uma vez que não há a delimitação do evento graças ao traço [- delimitado].

Em oposição a essa representação, Nespoli (2018) propõe que a representação sintática do *perfect* seja dissociada para a expressão do *perfect* universal e do *perfect*

existencial. Assim, segundo a autora, teríamos um sintagma referente ao *perfect* universal – o UPerfP, nucleado pelo traço [continuativo] – e um sintagma referente ao *perfect* existencial – o EPerfP, nucleado pelo traço [resultativo]. Para a expressão de *perfect* universal, há valoração positiva dos traços nos núcleos desses dois sintagmas e, para a expressão de *perfect* existencial, há valoração positiva apenas do traço no núcleo de EPerfP. No que tange à hierarquia desses sintagmas, Nespoli (2018) pontua que o UPerfP domine EPerfP, como observado na figura 2.

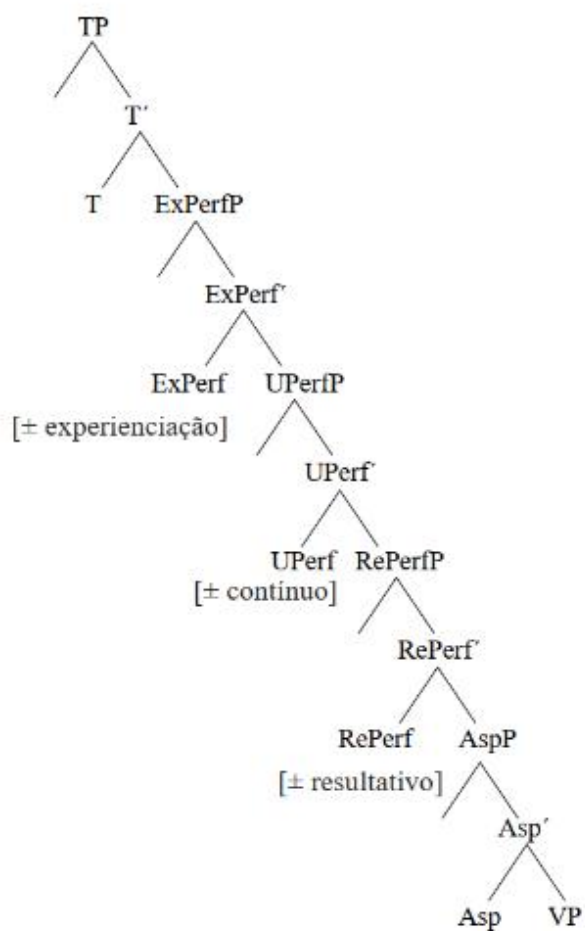
Figura 2 – Representação sintática do aspecto *perfect* em que UPerfP domina EPerfP, segundo Nespoli (2018).



Fonte: Nespoli (2018, p. 153)

Por fim, considerando o trabalho de Rodrigues e Martins (2019), as autoras propõem a existência de outros sintagmas relacionados ao aspecto *perfect*. De acordo com Rodrigues e Martins (2019), há três sintagmas distintos: UPerfP, referente ao *perfect* universal, RePerfP, referente ao *perfect* resultativo, e ExPerfP, relacionado ao *perfect* experiencial, sendo os dois primeiros correspondentes aos sintagmas UPerfP e EPerfP propostos por Nespoli (2018) e o terceiro uma nova projeção sintagmática, como ilustrado na figura 3.

Figura 3 – Representação sintática do aspecto *perfect*, segundo Rodrigues e Martins (2019).



Fonte: Rodrigues e Martins (2019, p. 180).

A partir das representações do aspecto *perfect* propostas pelos autores acima e dispostas nas figuras de 1 a 3, destaca-se que as representações sintáticas desse aspecto, bem como as propostas de classificação em tipos existentes na literatura, não são consensuais.

3. VERBOS INCREMENTAIS

Desde a contribuição de Vendler (1957) acerca dos tipos de verbo, definidos à luz de suas propriedades aspectuais semânticas, diversos estudos sobre aspectualidade foram produzidos, e, dentre eles, o desenvolvido por Verkuyl (1972). O autor nos convida a olhar a noção aspectual com uma perspectiva não apenas para os verbos, mas, também, para a relação dos constituintes morfossintáticos presentes no sintagma verbal. Verkuyl argumenta que a telicidade pode ser alterada a depender dos constituintes que estejam integrando o complemento verbal na sentença. Uma possibilidade de verificação da telicidade da sentença, de acordo com o autor, seria por meio da aplicação dos testes “em x tempo”, ilustrado em (29), e “por x tempo”, ilustrado em (30).

(29) Maria correu *em 1 hora / por 1 hora.

(30) Maria pintou o círculo em 1 hora / *por 1 hora.

Com base nos exemplos acima, é possível identificar que, em (29), a combinação do verbo “correu” com a expressão adverbial “em 1 hora” resulta em uma sentença agramatical, tendo em vista que não é possível identificar um final inerente do ato de correr realizado por Maria. Por outro lado, a expressão adverbial “por 1 hora” é uma expressão adverbial viável pela sua possibilidade de combinação com eventos atélicos. Já em (30), a expressão adverbial “por 1 hora” associada ao sintagma verbal “pintou o círculo” produz uma sentença agramatical, tendo em vista que o evento “pintar o círculo” possui um ponto final inerente. A expressão adverbial “em 1 hora”, por sua vez, é uma combinação possível nessa sentença devido à sua compatibilidade com eventos télicos.

Em seu estudo, Verkuyl (1972) analisa que não apenas a presença de expressões adverbiais na sentença podem resultar em telicidade ou atelicidade do evento. O autor argumenta também que a presença de um constituinte linguístico que consiga quantificar o substantivo presente no complemento verbal pode influenciar na aspectualidade do evento, por exemplo a expressão de nomes quantificados no complemento verbal, como em (31), pode produzir leituras télicas enquanto a expressão de nomes massivos (não quantificados), como em (32), contribui para leituras atélicas.

(31) Maria come uma maçã.

(32) Maria come maçã.

Ao analisarmos o exemplo disposto em (31), identificamos que a quantificação expressa no complemento verbal, “uma maçã”, limita o evento de comer realizado por Maria, assim resultando em uma sentença télica. Em contrapartida, no exemplo em (32), a expressão do nome nu “maçã” no complemento verbal resulta em um evento atélico, tendo em vista que não é possível identificar o limite do ato de comer realizado por Maria. No entanto, cabe destacar que outros autores, principalmente no âmbito semântico (Dowty, 1991; Krifa, 1998; Rothstein, 2002), reanalisam as propostas dispostas por Verkuyl, principalmente destacando que telicidade e atelicidade estão relacionadas com o evento verbal que acarreta a mudança de estado do constituinte presente no complemento verbal.

A partir dessa perspectiva semântica, Dowty (1991) propõe que a classificação de papel temático, pelo menos voltada para tema, condiz com um processo de acarretamento de um predicado direcionado a um argumento. Além dos conceitos de papel temático já definidos, Dowty (1991) propõe a existência de “tema incremental” (*incremental theme*), que seria um produto resultante do evento verbal que sofreu uma mudança de estado, como exemplificado em (33).

(33) João comeu a maçã.

Com base no exemplo em (33), analisa-se que o constituinte “a maçã” assumirá o papel temático de “tema incremental”, pois, assim que o evento de “comer” chegar ao fim, haverá uma mudança de estado na “maçã” acarretada pelo evento de “comer”. Desse modo, segundo Dowty (1991), o significado de um predicado télico é um homomorfismo do argumento interno com papel temático de tema incremental dentro do campo verbal, ou seja, uma relação constituída por meio da incrementalidade entre o argumento interno e o predador verbal (doravante verbo incremental).

No que tange à compreensão do verbo incremental, Rothstein (2002) discorre que a caracterização desse tipo verbal está relacionada à culminação de eventos que são incorporados ao predicado, como por exemplo em (34).

(34) Luan come o sanduíche.

Segundo Rothstein (2002), verbos presentes na classe aspectual “processos culminados” são fortemente verbos incrementais, considerando que gradativamente o evento

progride em relação ao seu ponto de culminação. Ao analisar o exemplo em (34), é possível identificarmos que o evento “comer” não possui um ponto final inerente, assim, para que um ponto de culminação seja alcançado, o predicador verbal entra em relação com seu argumento interno “o sanduíche”, sendo essa uma relação incremental tanto pelo verbo quanto pelo argumento, tendo em vista que, assim que o agente verbal concluir o evento de comer o sanduíche, haverá uma mudança de estado desse argumento interno (o sanduíche estará comido), resultando, assim, na culminação do ponto télico do evento verbal.

Desde a análise disposta por Verkuyl (1972), outros linguistas passaram a também considerar que a composição do sintagma verbal nas sentenças é um dado fundamental ao estudo da aspectualidade, destacando o papel dos argumentos na estrutura sentencial⁶. Assim, ressalto o trabalho de Krifka (1998), cujo objetivo foi essencialmente compreender qual o papel da relação entre o verbo incremental e seu argumento interno. Na perspectiva de Krifka, existe uma relação homomórfica entre o predicador verbal e seu argumento interno, considerando que, se um sintagma verbal for quantificado, então sua projeção será télica, como em (35), e, se esse predicador verbal não for quantificado, então ele será atélico, como em (36).

(35) Mauro comeu três laranjas.

(36) Mauro comeu laranjas.

Na perspectiva de Krifka (1998), as sentenças em (35) e (36) diferem entre si pela questão de quantificação e cumulação. De acordo com o autor, se um constituinte, como “três laranjas”, não se sobrepõe e é, exatamente, a definição de três laranjas, estamos diante de um constituinte quantificado, pois, se houvesse uma sobreposição, ele seria cumulativo e, portanto, não poderia ser quantificado. Dessa forma, conclui-se que o sintagma nominal na posição de argumento interno em (35) é um argumento quantificado. Já em relação à (36), seguimos a lógica de que o constituinte “laranjas” (um nome nu)⁷ não possui um determinante/ quantificador preciso, ou seja, não há uma quantificação definida em relação ao número de laranjas que Mauro comeu, mas apenas uma possível sobreposição de laranjas

⁶ Corroborando as análises de Dowty (1991) e Rothstein (2002), acredito que seja essencial também levarmos em consideração a contribuição não apenas do argumento interno, mas também do argumento externo às análises aspectuais. Neste trabalho, porém, investigo especificamente a contribuição do argumento interno, mais especificamente do tipo de artigo empregado nesse argumento, para a leitura aspectual.

⁷ Ressalto que o estudo sobre os nomes nus é significativo para a investigação da categoria aspectual, contudo, por uma questão de escopo, esse tema não será aprofundado nesta monografia. Para a ampliação do conhecimento sobre o assunto, recomendo as leituras de Gomes e Sanchez-Mendes (2018) e Müller (2002).

comidas pelo agente verbal. Desse modo, conclui-se que o sintagma na posição de argumento interno em (36) é cumulativo.

Com base no exposto nesta seção, compreende-se, então, que verbos incrementais podem contribuir para a expressão da aspectualidade verbal, destacando também possíveis contribuições para o entendimento do que seja resultatividade. A partir do estudo de Krifka (1998), ressalta-se mais uma contribuição de constituintes sentenciais para o valor aspectual da sentença, evidenciando um possível traço subespecificado [+/- quantificado] em certos determinantes que, quando expressos nas sentenças, podem influenciar não apenas na interpretação do sintagma nominal (quantificado ou cumulativo), mas também na interpretação aspectual do sintagma verbal. Essa discussão será mais detalhada no capítulo seguinte.

4. O EFEITO DE DEFINITUDE

Ao analisarmos os efeitos semânticos de definitude dos artigos no PB, verificamos que os artigos definidos (“o/a/os/as”) e indefinidos (ou quantificadores indefinidos) (“um/uma/uns/umas”) são constituintes utilizados para definir ou indefinir um substantivo, lugar, momento ou período de tempo (Braga *et al.*, 2008, *apud* Castilho, 2014, p. 492). Esses marcadores são relevantes para análises tanto no âmbito da sintaxe quanto no da semântica, uma vez que sua presença ou ausência pode interferir na interpretação de toda a estrutura. Semanticamente, os artigos contribuem para a identificação de um referente, como em (37), ou assinalam que o referente do substantivo tem uma descrição definida, como em (38) (Castilho, 2014).

(37) Maria viu uma moça bonita na rua.

(38) Maria viu a moça bonita na rua.

Segundo Lyons (1999), os constituintes sintáticos contribuem para o efeito de (in)definitude provindo do artigo definido ou indefinido a partir dos arranjos sintáticos nas sentenças. Esse fenômeno condiz com as possíveis interpretações de determinação, indeterminação, especificidade ou não especificidade dos determinantes definido e indefinido.

Em uma perspectiva sintático-semântica, Lyons (1999) busca explicar como os determinantes contribuem para as interpretações de definitude e como se comportam em relação a outros fenômenos morfossintáticos. Mais especificamente, o autor observa a realização no inglês do artigo definido, “*the*”, e indefinido, “*a/an*”, propondo que esses artigos, quando combinados a nomes, fazem emergir diferentes leituras de “familiaridade e identificabilidade”, como verificado pelos exemplos em (39) e (40).

(39) *I bought **the car** this morning.*

(‘Eu comprei o carro esta manhã.’)

(40) *I bought **a car** this morning.*

(‘Eu comprei um carro esta manhã.’)

Lyons (1999) esclarece que o emprego do determinante definido “*the*” (‘o’), na estrutura em (39), indica a existência de uma relação de familiaridade entre o ouvinte e o falante, uma vez que o carro citado é definido e pode ser especificado. Já em (40), o emprego

do determinante indefinido “a” (‘um’), indica ao ouvinte que existe um carro definido, porém não especificado pelo falante, contudo que ainda pode identificá-lo.

Além de proporcionarem leituras de familiaridade e identificabilidade, os determinantes definidos podem contribuir para leituras tanto de singularidade a respeito de algum constituinte quanto de inclusão, como demonstram as sentenças com DPs introduzidos por determinantes definidos em (41) e (42) a seguir.

(41) *I’ve just been to a wedding. **The bride** wore blue.*

(‘Eu estive em um casamento recentemente. A noiva vestia azul.’)

(42) *We went to the local pub this lunchtime. They’ve started chilling **the beer**.*

(‘Nós fomos ao bar dessa região no almoço. Eles começaram a congelar a cerveja.’)

Os DPs destacados em (41) e (42) diferem-se em função do nome contido no DP ser contável, exemplo em (41), ou massivo, exemplo em (42). Ao analisarmos a sentença em (41), sabendo-se que um casamento é composto, pelo menos, de uma noiva presente, interpretamos o DP definido “*the bride*” (‘a noiva’) como possuindo um referente único e particular, aquele da situação comunicativa disposta. Logo, Lyons (1999) formaliza que o fenômeno da singularidade (“*uniqueness*”) é manifestado quando o determinante definido sinaliza que haja apenas uma entidade satisfazendo a descrição utilizada. O autor destaca, ainda, que a singularidade, geralmente, não é absoluta, mas entendida como relativa a um contexto particular. Já ao analisarmos a estrutura em (42), pode-se compreender também uma leitura de singularidade referente à cerveja gelada, porém a manifestação de um sintagma nominal definido de um conjunto ou nome massivo terá sua referência apenas ao nome em que se associa no contexto em que a estrutura foi proferida. Assim, na estrutura em (42), todas as cervejas servidas nesse bar seriam congeladas e não apenas uma. Dessa forma, o efeito de definitude proporcionado por um determinante definido e um nome massivo ou contável no plural envolve não singularidade, mas sim inclusão (“*inclusiveness*”), entendendo que a referência do nome está relacionada ao conteúdo massivo ou à totalidade de objetos presente no contexto, satisfazendo, assim, a descrição (Lyons, 1999).

Ainda sobre os valores semânticos desencadeados pela definitude do determinante definido, Lyons (1999) afirma que o efeito de definitude pode também ser manifestado pelo artigo indefinido “a/an” (‘um/uma’), como, por exemplo, em (43).

(43) *Pass me a hammer.*

(‘Me dê um martelo.’)

Em um contexto comunicativo em que duas pessoas estejam colocando uma prateleira e, no local presente, haja várias ferramentas, um falante A pode produzir a estrutura em (43) para um falante B. Ainda que o ouvinte (falante B) não tivesse conhecimento de um martelo no local até que o falante A produzisse essa sentença, ele é capaz de identificar o martelo requisitado incluído entre as outras ferramentas.

Desse modo, ao analisar os efeitos semânticos advindos dos arranjos sintáticos dos determinantes definidos ou indefinidos, Lyons (1999) acentua que tais artigos podem conter traços subjacentes de [+/-determinado] e [+/-específico]. Para o autor, o determinante definido “*the*” (‘o/a/os/as’) teria os traços subjacentes [+determinado] e [+específico], enquanto o determinante indefinido “*a/an*” (‘um/uma’) teria os traços subjacentes [+determinado] e [-específico]. Mais precisamente, para Lyons (1999), o determinante indefinido “*a/an*” (‘um/uma’) ainda teria o traço subjacente de [+singular], resultante dos processos semânticos de inclusividade, que atua a partir de uma interpretação quantificadora do determinante, e de familiaridade, que emerge em função do fato de haver a possibilidade de localizar o nome disposto na estrutura, ainda que não seja possível especificá-lo.

Desse modo, o fenômeno da definitude, ou “efeito da definitude”⁸, de acordo com Lyons (1999), pode estar além do sintagma nominal, ou seja, além da relação entre determinante e nome. Mais especificamente, o “efeito da definitude” seria resultante da relação do determinante que encabeça o DP com outros constituintes dispostos na estrutura sintática, a saber, por exemplo, a realização do determinante ou não na posição de sujeito, o adjetivo relacionado ao núcleo do sintagma nominal (NP), a temporalidade do sintagma verbal (VP) e, por fim, a aspectualidade verbal atrelada ao VP, a qual pode fazer emergir uma leitura [+específica] ou [-específica] a depender do aspecto codificado no verbo.

Ao considerar uma possibilidade de cruzamento entre definitude e aspectualidade, Bernardes e Numakura (2023) exploraram a contribuição da definitude do determinante ora indefinido ora definido para as interpretações de experiência e resultado. Esse estudo teve como proposta continuar a discussão disposta por Sant’Anna, Gomes e Martins (2019), em que os autores verificaram que o ordenamento do advérbio “já” em relação ao sintagma verbal não afeta as leituras aspectuais de *perfect* experiencial ou resultativo. No entanto, em suas

⁸ O termo original em inglês é *definiteness effect*, o qual, para o autor, seria o resultado da relação dos constituintes morfossintáticos dispostos na sentença (Lyons, 1999).

análises, os autores discutem que, talvez, o determinante que introduza o sintagma determinante complemento verbal possa influenciar nessas leituras, ou seja, de acordo com os autores, uma sentença composta por um determinante indefinido introduzindo o sintagma determinante complemento verbal, como em (44), poderia disparar mais leituras de *perfect* experiencial, enquanto que uma sentença composta por um determinante definido introduzindo o sintagma determinante complemento verbal, como em (45), poderia desencadear mais leituras de *perfect* resultativo.

(44) Ana já leu uma carta.

(45) Ana já leu a carta.

Assim, Bernardes e Numakura (2023) consideraram que sentenças formuladas com o advérbio “já” mais um sintagma verbal constituído por um verbo transitivo no pretérito perfeito e um sintagma determinante complemento verbal introduzido por um determinante indefinido veicularia, exclusivamente, interpretações de *perfect* experiencial, como em (46). Enquanto que sentenças formuladas com o advérbio “já” mais um sintagma verbal constituído por um verbo transitivo no pretérito perfeito e um sintagma determinante complemento verbal introduzido por um determinante definido veicularia, exclusivamente, interpretações de *perfect* resultativo, como em (47).

(46) Amanda já leu um livro.

(47) Kaio já editou a foto.

Com base em seus dados coletados, os autores concluíram que não há uma exclusividade de interpretação aspectual a depender do determinante que introduza o complemento verbal. No entanto, falantes do PB demonstraram uma preferência de interpretação de *perfect* experiencial quando o determinante era indefinido (74,6% das respostas obtidas) e uma preferência de interpretação de *perfect* resultativo quando o determinante era definido (67,7% das respostas obtidas).

Cabe destacar que, com base no estudo de Bernardes e Numakura (2023), Bernardes (2024a; 2024b; 2024c) buscou verificar se a definitude dos determinantes indefinido e definido do complemento verbal em sentenças veiculadoras de *perfect* na língua francesa, como nos exemplos em (48) e (49), na língua inglesa, como nos exemplos em (50) e (51), e

na língua italiana, como nos exemplos em (52) e (53), poderiam também contribuir para as interpretações de *perfect* experiencial e resultativo.

(48) *Olivia a déjà lu un livre.*

(‘Olivia já leu um livro.’)

(49) *Julien a déjà édité la photo.*

(‘Julien já editou a foto.’)

(50) *Oliver's already read a book.*

(‘Oliver já leu um livro.’)

(51) *Luke's already edited the photo.*

(‘Luke já editou a foto.’)

(52) *Rosa ha già letto un libro.*

(‘Rosa já leu um livro.’)

(53) *Paolo ha già modificato la foto.*

(‘Paolo já editou a foto.’)

A partir dos dados coletados, o autor concluiu que, diferentemente do português do Brasil, a interpretação de *perfect* experiencial aparenta ser preferencial independentemente da definitude do determinante no início do complemento pelos falantes de francês (85% das respostas obtidas com o determinante indefinido e 61% das respostas obtidas com o determinante definido), de inglês (95% das respostas obtidas com o determinante indefinido e 85% das respostas obtidas com o determinante definido) e no italiano (95% das respostas obtidas com o determinante indefinido e 87% das respostas obtidas com o determinante definido).

Desse modo, partindo dos trabalhos já realizados considerando-se a definitude do determinante no complemento verbal em diferentes línguas para a interpretação do *perfect*, justifica-se a pertinência deste trabalho ao aventarmos uma possibilidade de interação entre o tipo de verbo (incremental ou não incremental) e a definitude dos determinantes (indefinido e definido) como possíveis mecanismos linguísticos que contribuirão para as interpretações de *perfect* experiencial e resultativo. Assim, o objetivo principal desta monografia consiste em contribuir para a caracterização do aspecto *perfect* nas línguas. Especificamente, investiga-se a interpretação enquanto *perfect* resultativo ou experiencial de sentenças em PB formadas por um verbo ora incremental, ora não incremental no pretérito

perfeito associado ao advérbio “já” e seguido de um sintagma determinante complemento verbal introduzido por um determinante ora definido, ora indefinido.

5. METODOLOGIA

Neste capítulo, discorro sobre o processo metodológico adotado nesta monografia para que se atingisse o objetivo delineado. Na primeira seção, apresento o perfil dos participantes deste trabalho; na segunda seção, apresento o teste aplicado e o porquê de sua escolha e, por fim, na última seção, apresento os procedimentos de análise do teste.

5.1. TESTE DE INTERPRETAÇÃO DE SENTENÇAS

O procedimento metodológico adotado neste trabalho consistiu em um aprimoramento do teste de interpretação de sentenças desenvolvido por Bernardes e Numakura (2023). O teste desenvolvido para a presente pesquisa caracteriza-se como um teste linguístico de interpretação de sentenças de caráter *offline* e foi composto por 2 listas com 36 sentenças em cada uma, sendo 12 sentenças alvo e 24 sentenças distratoras por lista.

Em relação às sentenças alvo, elas foram distribuídas em 4 condições experimentais, sendo 3 sentenças de cada condição experimental por lista. As condições experimentais foram as seguintes: (i) sentenças com verbos incrementais e artigo definido no DP complemento verbal; (ii) sentenças com verbos incrementais e artigo indefinido no DP complemento verbal; (iii) sentenças com verbos não incrementais e artigo definido no DP complemento verbal e (iv) sentenças com verbos não incrementais e artigo indefinido no DP complemento verbal. Os verbos incrementais utilizados nas sentenças experimentais foram “encapar”, “pintar”, “imprimir”, “encher”, “descascar” e “escrever” e os verbos não incrementais utilizados nessas sentenças foram “assistir”, “pesquisar”, “lançar”, “planejar”, “ler” e “experimentar”.

As listas diferenciavam-se da seguinte maneira: as sentenças alvo com determinante definido na lista A eram apresentadas com determinante indefinido na lista B e vice-versa⁹. Assim, por exemplo, o participante que respondesse a lista A era exposto a sentenças como nos exemplos em (54) e (55), enquanto o participante que respondesse a lista B era exposto a sentenças como nos exemplos em (56) e (57).

⁹ Esse foi um dos aprimoramentos do teste linguístico desta pesquisa em relação àquele desenvolvido e aplicado por Bernardes e Numakura (2023), uma vez que, naquela pesquisa, os verbos empregados com determinante definido eram distintos daqueles utilizados com artigo indefinido. A elaboração de listas circuladas entre participantes distintos nesta pesquisa possibilitou que os mesmos verbos fossem ora empregados com determinante definido, ora indefinido.

(54) Amanda já encapou um livro.

(55) Ana já planejou o curso.

(56) Amanda já encapou o livro.

(57) Ana já planejou um curso.

No quadro 1 a seguir, apresentam-se todas as sentenças alvo com verbos incrementais e não incrementais e determinantes definido e indefinido apresentadas em cada uma das listas.

Quadro 1. Sentenças alvo do teste de interpretação de sentenças por lista.

	verbo incremental		verbo não incremental	
	determinante definido	determinante indefinido	determinante definido	determinante indefinido
lista A	Amanda já encapou o livro.	Maria já encheu um balde.	Joana já assistiu o show.	Laura já planejou um curso.
	Kaio já pintou a mesa.	José já descascou um legume.	Luana já pesquisou o artigo científico.	Marcos já leu um livro.
	Camila já imprimiu o documento.	Adriana já escreveu um resumo.	Marcos já lançou a bola.	Marcos já experimentou um terno.
lista B	Maria já encheu o balde.	Amanda já encapou um livro.	Laura já planejou o curso.	Joana já assistiu um show.
	José já descascou o legume.	Kaio já pintou uma mesa.	Marcos já leu o livro.	Luana já pesquisou um artigo científico.
	Adriana já escreveu o resumo.	Camila já imprimiu um documento.	Marcos já experimentou o terno.	Marcos já lançou uma bola.

Fonte: elaboração própria.

Dentre as sentenças dispostas no estudo, foram elaboradas também 24 sentenças distratoras, não havendo alteração dessas sentenças entre as listas, logo as mesmas sentenças elaboradas à lista A também foram aplicadas na lista B. como exemplificado em (58).

(58) Ana agora decora árvore de natal.

(A) Ana com certeza decora árvore de natal.

(B) Ana talvez decore árvore de natal.

(C) Ana não decora árvore de natal.

Como ilustrado no exemplo em (58), todas as sentenças distratoras foram estruturas no presente simples e compostas pelo advérbio “agora”. Destaca-se que cada sentença distratora continha três opções de resposta, uma com o verbo no presente simples e a expressão adverbial “com certeza”, como na opção de resposta (A), outra com o verbo no subjuntivo e o advérbio “talvez”, como na opção de resposta (B), e uma com o verbo no presente simples e o advérbio de negação “não”, como na opção de resposta (C).

Destaca-se que o teste de interpretação de sentenças elaborado configura-se como um teste de seleção de resposta por múltipla escolha (“*decision task*”) (Chaudron, 2003), uma vez que, nesse tipo de teste, os participantes são instruídos a tomarem uma decisão dentre as opções dispostas, que podem caracterizar-se como distintas categorias, imagens, sentenças etc. No caso do teste desenvolvido nesta pesquisa, havia três opções de resposta constituídas por sentenças com diferentes interpretações para a sentença anteriormente apresentada. A tarefa requisitada ao participante era que ele selecionasse a alternativa que apresentasse a frase que melhor correspondesse ao significado da sentença disposta acima.

No que tange às sentenças alvo das quatro condições experimentais descritas anteriormente, o participante era apresentado a três opções de resposta, sendo uma remetendo à interpretação de *perfect* resultativo, outra à interpretação de *perfect* experiencial e outra à interpretação não correspondente temporalmente à sentença apresentada, sendo esta uma opção de resposta distratora. Exemplos das sentenças alvo das condições (i), (ii), (iii) e (iv) com suas respectivas opções de resposta estão dispostas, respectivamente, em (59), (60), (61) e (62) abaixo.

(59) Amanda já encapou o livro.

- (A) Amanda teve a experiência de encapar o livro uma vez.
- (B) Amanda encapará o livro hoje.
- (C) Amanda fez o livro estar encapado neste momento.

(60) Amanda já encapou um livro.

- (A) Amanda teve a experiência de encapar um livro uma vez.
- (B) Amanda encapará um livro hoje.
- (C) Amanda fez um livro estar encapado neste momento.

(61) Laura já planejou o curso.

- (A) Laura teve a experiência de planejar o curso uma vez.
- (B) Laura planejará o curso hoje.
- (C) Laura fez o curso estar planejado neste momento.

(62) Laura já planejou um curso.

- (A) Laura teve a experiência de planejar um curso uma vez.
- (B) Laura planejará um curso hoje.
- (C) Laura fez um curso estar planejado neste momento.

Verificando os exemplos em (59), (60), (61) e (62) e as respectivas opções de resposta, constata-se que, se o participante selecionasse a opção de resposta (A), que contém a expressão “teve a experiência...uma vez”, isso indicaria que houve interpretação de uma experiência em relação ao evento exemplificado. Dessa forma, a sentença em questão é interpretada enquanto veiculadora de *perfect* experiencial. Já a opção de resposta (B), com a morfologia de futuro, é uma opção distratora, portanto, caso houvesse alguma marcação dessa opção de resposta, isso indicaria uma possível falta de atenção por parte do participante. Por fim, se o participante selecionasse a opção de resposta (C), que contém a expressão “fez... estar X-ado neste momento”, isso indicaria que houve interpretação de um resultado em relação ao evento exemplificado¹⁰. Dessa forma, a sentença em questão é interpretada enquanto veiculadora de *perfect* resultativo.

Cumprir dizer que as sentenças alvo e distratoras foram pseudorandomizadas no teste, de modo que a primeira sentença era distratora e, a cada sentença alvo, eram sempre incluídas duas sentenças distratoras. Quanto às opções de resposta, essas foram randomizadas pelo *Google Forms*, de modo que a ordem de disposição das distintas interpretações era alterada aleatoriamente entre as sentenças do teste. As listas A e B que constituíam o teste de interpretação de sentenças são apresentadas na íntegra, na ordem em que as sentenças eram dispostas no teste, no apêndice A desta monografia.

5.2. PROCEDIMENTOS

¹⁰ A elaboração da opção de resposta que correspondia à interpretação de *perfect* resultativo configura um outro aprimoramento em relação ao teste elaborado por Bernardes e Numakura (2023), uma vez que, naquele teste, essa opção de resposta consistia em uma sentença com uma estrutura muito distinta das demais, como em “O livro está encapado neste momento”, em que o argumento interno do verbo aparecia na primeira posição da sentença. Logo, uma possível preferência pela seleção da opção de resposta indicando a interpretação de *perfect* experiencial pode ter sido resultante do fato de esta sentença, como em “Amanda teve a experiência de encapar o livro uma vez”, ter uma estrutura frasal mais semelhante à da sentença alvo.

Quanto ao procedimento de aplicação, o teste foi disposto em um formulário do *Google Forms*. Nesse formulário, inicialmente, os participantes eram apresentados a informações sobre os pesquisadores envolvidos no estudo, o tipo de tarefa que seria solicitado que ele fizesse caso decidisse participar do estudo, do caráter voluntário da sua participação e da possibilidade de não participar ou de interromper a participação no estudo a qualquer momento, devendo marcar uma caixa de texto no caso de decidir participar. Na seção seguinte do formulário, o participante deveria responder questões sobre seu perfil sociodemográfico e linguístico, sendo apresentadas perguntas sobre sua idade, sexo, grau de escolaridade, cidade de nascimento e em que passou a maior parte da infância, língua(s) falada(s) até o 12 anos de idade, se possuía alguma neurodivergência e qual era ela. Finalmente, o participante era conduzido à terceira e última seção do teste, com as 32 sentenças que o compunham.

Nos apêndices B e C desta monografia, encontram-se a caixa de texto que o participante deveria selecionar na seção 1 e o questionário ao qual ele era exposto na seção 2, respectivamente.

5.3. PARTICIPANTES

Em relação aos participantes, obtivemos 69 respostas ao teste linguístico deste estudo, 30 respondentes da lista A e 39 respondentes na lista B, tendo sido descartados 4 participantes, 3 da lista A e 1 da lista B, que não se adequavam ao perfil esperado para o estudo por não terem nascido ou não serem residentes no estado do Rio de Janeiro. Logo, foram consideradas as respostas de 65 participantes no estudo.

Destaca-se ainda que selecionamos apenas aqueles que tinham o português brasileiro como língua nativa, sendo nascidos e residentes no estado do Rio de Janeiro, com idade entre 18 a 60 anos, sendo a idade média dos 65 participantes incluídos no estudo a de aproximadamente 28 anos. Em relação à escolaridade, 1 participante declarou ter apenas o ensino médio completo, 45 participantes declararam estar cursando o ensino superior e 19 participantes declararam ter concluído o ensino superior, podendo estar cursando ou já ter cursado uma pós-graduação. Dentre os participantes incluídos no estudo, 10 informaram possuir alguma neuroatipicidade, sendo 3 diagnosticados com TDAH, 4 com TDH, 1 com transtorno do espectro autista, 4 com dislexia, 1 com discalculia, 1 com dislalia e 1 participante não informou qual neuroatipicidade possui. Destaca-se que os participantes foram questionados sobre qual(is) língua(s) falavam até a idade de 12 anos, tendo todos indicado o

português brasileiro e 17 participantes indicado também outra(s) língua(s), a saber o inglês, o espanhol e o japonês.

No capítulo seguinte, são dispostos os resultados obtidos no estudo desenvolvido.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir dos dados coletados pelo estudo desenvolvido, apresentam-se neste capítulo uma descrição dos resultados obtidos e uma discussão acerca desses resultados. Este capítulo será dividido da seguinte forma: na primeira seção serão apresentados os resultados com determinante definido; na segunda seção, serão apresentados os resultados com determinante indefinido e, por fim, na última seção, serão apresentados os resultados gerais de forma comparativa.

6.1. RESULTADOS COM DETERMINANTE DEFINIDO

Em uma análise geral, acentua-se que ambas as interpretações, tanto de experiência quanto de resultatividade, foram apreendidas pelos participantes nas sentenças com determinantes definidos no DP complemento verbal. Contudo, destaca-se que, independentemente da incrementalidade do verbo, as interpretações de resultado emergiram de forma mais expressiva do que interpretações de experiência nessas sentenças, sendo 54% das respostas com aquelas interpretações contra 44% das respostas com estas interpretações. Ainda, ressalta-se a incidência de seleção de opções de resposta com interpretações de resultado nas sentenças com determinantes definidos foram mais expressivas nas sentenças com verbos incrementais do que naquelas com verbos não incrementais, sendo 62% das respostas com interpretação de *perfect* resultativo nas sentenças com verbos incrementais contra 52% das respostas com essa interpretação nas sentenças com verbos não incrementais. Por fim, salienta-se que, por um lado, todas as sentenças com verbo incremental e determinante definido foram majoritariamente interpretadas como *perfect* resultativo, enquanto três das sentenças com verbo não incremental e determinante definido foram mais interpretadas como *perfect* resultativo enquanto as outras três com essa estrutura foram mais interpretadas como *perfect* experiencial.

A seguir, apresentam-se os dados gerais coletados referentes às sentenças com o determinante definido, independentemente do tipo de verbo (Quadro 2), os resultados coletados das sentenças formadas com verbos incrementais e não incrementais formuladas com o determinante definido (Quadro 3), os resultados referentes a cada uma das sentenças com verbos incrementais formadas por um determinante definido (Quadro 4) e, por fim, os resultados referentes a cada uma das sentenças com verbos não incrementais formadas por um determinante definido (Quadro 5).

Quadro 2: Resultados gerais das sentenças formadas com o determinante definido.

Resultados gerais	Experiência	Resultado	Distratora
Sentenças com determinante definido	44% (170)	54% (211)	2% (9)

Fonte: elaboração do autor, 2025

Quadro 3: Resultados gerais das sentenças com verbo incremental e não incremental com o determinante definido.

Resultados gerais	Experiência	Resultado	Distratora
Sentenças com verbo incremental e determinante definido	35% (69)	62% (121)	3% (5)
Sentenças com verbo não incremental e determinante definido	52% (101)	46% (90)	2% (4)

Fonte: elaboração do autor, 2025

Quadro 4: Resultados obtidos em cada sentença com verbo incremental com determinante definido.

Sentenças com verbo incremental e determinante definido	Experiência	Resultado	Distratora
Amanda já encapou o livro.	10 (37%)	16 (60%)	1 (3%)
Maria já encheu o balde.	15 (40%)	21 (55%)	2 (5%)
Kaio já pintou a mesa.	9 (33%)	18 (67%)	0 (0%)
Adriana já escreveu o resumo.	15 (39%)	22 (58%)	1 (3%)
Camila já imprimiu o documento.	9 (33%)	18 (67%)	0 (0%)
José já descascou o legume.	11 (29%)	26 (68%)	1 (3%)

Fonte: elaboração do autor, 2025

Quadro 5: Resultados obtidos em cada sentença com verbo não incremental com determinante definido.

Sentenças com verbo não incremental e determinante definido	Experiência	Resultado	Distratora
Laura já planejou o curso.	19 (50%)	17 (45%)	2 (5%)
Joana já assistiu o show.	21 (78%)	6 (22%)	0 (0%)
Luana já pesquisou o artigo científico.	13 (48%)	14 (52%)	0 (0%)
Marcos já lançou a bola.	10 (37%)	17 (63%)	0 (0%)
Marcos já leu o livro.	22 (58%)	16 (42%)	0 (0%)
Marcos já experimentou o terno.	16 (42%)	20 (52%)	2 (6%)

Fonte: elaboração do autor, 2025

Na seção seguinte, são apresentados os resultados obtidos nas sentenças com o determinante indefinido.

6.2. RESULTADOS COM DETERMINANTE INDEFINIDO

Em uma análise geral, acentua-se que ambas as interpretações, tanto de experiência quanto de resultatividade, foram apreendidas pelos participantes nas sentenças com determinantes indefinidos no DP complemento verbal. Porém, destaca-se que, independentemente da incrementalidade do verbo, as interpretações de experiência emergiram de forma mais expressiva do que interpretações de resultado nessas sentenças, sendo 80% das respostas com aquelas interpretações contra 17% das respostas com estas interpretações. Ainda, ressalta-se que a incidência de seleção de opções de resposta com interpretações de experiência nas sentenças com determinantes indefinidos nas sentenças com verbos não incrementais foi ligeiramente maior do que nessas sentenças com verbos incrementais, sendo 81% das respostas com interpretação de *perfect* experiencial nas sentenças com verbos não incrementais contra 79% das respostas com essa interpretação nas sentenças com verbos incrementais. Por fim, salienta-se que, por um lado, todas as sentenças com verbo incremental

e determinante definido foram majoritariamente interpretadas como *perfect* experiencial, enquanto uma das sentenças com verbo não incremental e determinante indefinido foi mais interpretada como *perfect* resultativo enquanto as outras com essa estrutura foram mais interpretadas como *perfect* experiencial.

A seguir, apresentam-se os dados gerais coletados referentes às sentenças com o determinante indefinido, independentemente do tipo de verbo (Quadro 6), os resultados coletados das sentenças formadas com verbos incrementais e não incrementais formuladas com o determinante indefinido (Quadro 7), os resultados referentes a cada uma das sentenças com verbos incrementais formadas por um determinante indefinido (Quadro 8) e, por fim, os resultados referentes a cada uma das sentenças com verbos não incrementais formadas por um determinante indefinido (Quadro 9).

Quadro 6: Resultados gerais das sentenças formadas com o determinante indefinido.

Resultados gerais	Experiência	Resultado	Distratora
Sentenças com o determinante indefinido	80% (313)	17% (68)	2% (9)

Fonte: elaboração do autor, 2025

Quadro 7: Resultados gerais das sentenças com verbo incremental e não incremental com o determinante indefinido.

Sentenças com verbo incremental e determinante indefinido	79% (154)	19% (37)	2% (4)
Sentenças com verbo não incremental e determinante indefinido	81% (159)	16% (31)	3% (5)

Fonte: elaboração do autor, 2025

Quadro 8: Resultados obtidos em cada sentença com verbo incremental com determinante indefinido.

Sentenças com verbo incremental e determinante indefinido	Experiência	Resultado	Distratora
Amanda já encapou um livro.	36 (94%)	1 (3%)	1 (3%)

José já descascou um legume.	20 (74%)	7 (26%)	0 (0%)
Kaio já pintou uma mesa.	30 (79%)	7 (18%)	1 (3%)
Adriana já escreveu um resumo.	22 (82%)	5 (18%)	0 (0%)
Camila já imprimiu um documento.	28 (74%)	8 (21%)	2 (5%)
Maria já encheu um balde.	18 (67%)	9 (33%)	0 (0%)

Fonte: elaboração do autor, 2025

Quadro 9: Resultados obtidos em cada sentença com verbo não incremental com determinante indefinido.

Sentenças com verbo não incremental e determinante indefinido	Experiência	Resultado	Distratora
Laura já planejou um curso.	27 (100%)	0 (0%)	0 (0%)
Joana já assistiu um show.	35 (92%)	1 (3%)	2 (5%)
Marcos já leu um livro.	25 (92%)	2 (8%)	0 (0%)
Luana já pesquisou um artigo científico.	32 (84%)	5 (13%)	1 (3%)
Marcos já experimentou um terno.	24 (89%)	3 (11%)	0 (0%)
Marcos já lançou uma bola.	16 (42%)	20 (53%)	2 (5%)

Fonte: elaboração do autor, 2025

6.3. RESULTADO COMPARATIVO

A partir dos dados expostos, é possível estabelecer um confronto entre as sentenças com verbos incrementais e não incrementais que continham o determinante definido e

indefinido como constituinte introdutório do DP complemento verbal. As sentenças com verbos incrementais e não incrementais com determinante definido introduzindo o DP complemento verbal apresentaram tanto interpretações de experiência e de resultado. Destaca-se que, nas sentenças incrementais com o determinante definido, a interpretação resultativa se mostrou significativa, como na sentença “José já descascou o legume.” (68% de interpretação de resultado). Já nas sentenças não incrementais, mesmo não apresentando uma grande preferência pelos participantes, a interpretação resultativa se mostrou significativa principalmente na sentença “Marcos já lançou a bola.” (63% de interpretação de resultado). Ressalta-se que, nas sentenças com ambos os tipos de verbo e determinante indefinido, obteve-se um alto índice de interpretação de experiência, destacando-se, principalmente, a sentença com o verbo incremental “Marcos já encapou um livro” (94% de interpretação de experiência) e a com verbo não incremental “Laura já planejou um curso” (100% de interpretação de experiência). A seguir, apresenta-se a quadro 10, contendo os resultados gerais nas quatro condições experimentais.

Quadro 10: Resultados gerais comparativos entre as quatro condições experimentais.

Resultados gerais	Experiência	Resultado	Distratora
Sentenças com verbo incremental e determinante definido	35% (69)	62% (121)	3% (5)
Sentenças com verbo não incremental e determinante definido	52% (101)	46% (90)	2% (4)
Sentenças com verbo incremental e determinante indefinido	79% (154)	19% (37)	2% (4)
Sentenças com verbo não incremental e determinante indefinido	81% (159)	16% (31)	3% (5)

Fonte: elaboração própria do autor

Com base nos dados expostos no quadro 10, ressalta-se, então, que a interpretação de *perfect* resultativo foi a preferencial na condição que continha verbo incremental e artigo definido e a interpretação de *perfect* experiencial foi a preferencial na condição que continha verbo não incremental e artigo indefinido, ainda que também bastante expressiva na condição com verbo incremental e artigo indefinido. Na seção seguinte, são apresentadas algumas discussões a partir dos resultados descritos até aqui neste capítulo.

6.4. DISCUSSÃO

Com base nos dados coletados, apresentamos algumas propostas de discussão que podem nos auxiliar nas análises acerca da contribuição dos tipos de verbo (incremental e não incremental) e da definitude dos determinantes (definido e indefinido) para as interpretações de *perfect* experiencial e resultativo.

Em primeiro lugar, destaca-se que esta monografia teve também como objetivo refinar o trabalho de Bernardes e Numakura (2022), no qual os autores buscaram analisar a contribuição da definitude dos determinantes, ora indefinido ora definido, às interpretações de *perfect* experiencial e resultativo no PB. Em seu estudo, Bernardes e Numakura (2022) discutiram que a possível incidência de interpretações de *perfect* experiencial mesmo em sentenças com determinante definido, o que ocorreu em cerca de 32% dos casos naquele estudo, tenha ocorrida por conta da diferença estrutural entre as paráfrases empregadas como opções de resposta naquele teste, como pode ser ilustrado pelo item experimental daqueles autores apresentado em (63) a seguir.

(63) Maria já cantou uma música.

(A) A música está cantada neste momento.

(B) Maria cantará uma música hoje.

(C) Maria teve a experiência de cantar música uma vez.

Ao analisarmos o exemplo em (63), verifica-se que o constituinte “A música”, ao ser apresentado na posição inicial da sentença referente à interpretação de *perfect* resultativo (opção de resposta (A)), pode ter desfavorecido a seleção dessa opção de resposta, uma vez que, na sentença alvo, o constituinte “Maria” aparecia na posição inicial da sentença. Portanto, discutimos que a composição sentencial das paráfrases de opção de resposta do teste desenvolvido neste estudo, com a paráfrase de *perfect* resultativo com a estrutura contendo o agente como primeiro constituinte da sentença, como em “Amanda fez o livro estar encapado neste momento”, apresentando em (59C) do capítulo anterior, foi um avanço em relação ao teste daquele estudo, no sentido de ter minimizado a possível influência da constituição da sentença na seleção das opções de resposta.

Outro ponto que destacamos é acerca da incrementalidade verbal. Com base nos dados coletados, verificamos que a incrementalidade do verbo atrelada ao DP complemento verbal

introduzido pelo determinante definido contribuiu para as interpretações resultativas. Em relação à sentença “Marcos já lançou a bola.”, que foi a sentença com verbo não incremental e determinante definido com maior incidência de respostas indicando interpretação resultativa, analisamos que tal interpretação pode ter sido resultante do fato do evento codificado pelo verbo promover o deslocamento do objeto sobre o qual recai a ação, o constituinte “a bola”, que teria sido interpretado como um objeto que sofreu uma mudança de estado. Tal análise é corroborada pelo fato de a sentença “Marcos já lançou uma bola.”, com o mesmo verbo e o determinante indefinido, ter sido a única dentre todas as sentenças com determinante indefinido na qual incidiram mais respostas indicando interpretação de resultado do que respostas indicando interpretação de experiência.

Contudo, a definitude continua a ser um fator relevante para análise aspectual, principalmente ao observarmos que o determinante definido aponta, significativamente, para interpretação de resultado e, em contrapartida, o determinante indefinido aponta, significativamente, à interpretação de experiência.

Outra discussão sobre a interpretação das sentenças veiculadoras de *perfect* investigadas como a expressão de um resultado ou de uma experiência pode estar relacionada ao escopo da sentença. De acordo com (Ferrarezi Jr., 2019), o escopo pode ser entendido como o alcance que determinado elemento tem na estrutura sintática ou semântica da sentença. A partir disso, analisamos que o traço [+resultativo], subjacente ao aspecto *perfect* (Nespoli, 2018), parece ter seu escopo alterado a depender da incrementalidade do verbo e da definitude do determinante que introduza o DP complemento verbal. Com base nessa perspectiva, especialmente quando o verbo é incremental e o determinante é definido, o escopo do valor de resultado tende a recair sobre o complemento do verbo, ressaltando-se o resultado do evento que recai sobre ele, que o afeta de algum modo. Por outro lado, especialmente quando o verbo é não incremental e o determinante é indefinido, o escopo do valor de resultado parece recair sobre o sujeito da sentença, valorizando-se o resultado que a experiência do evento causou a esse sujeito.

Em relação à diferença entre *perfect* experiencial e *perfect* resultativo, destacamos que essa diferença não aparenta ser decorrente de um traço funcional presente na representação sintática da sentença, tendo em vista que ambas as interpretações provêm do mesmo traço funcional, o [resultativo] no núcleo de EPerfP (Nespoli, 2018). Assim, analisamos que, ao compararmos os resultados coletados a partir do cruzamento entre a natureza semântica dos verbos e a definitude dos determinantes dos complementos verbais, a diferença entre *perfect* experiencial e *perfect* resultativo aparenta vir de um cálculo semântico. Em outras palavras,

sustentamos, então, que a composicionalidade aspectual é o que poderia gerar as interpretações de *perfect* experiencial e resultativo, considerando que esses tipos de *perfect* não estão associados a traços funcionais diferentes, sendo, apenas, dois tipos distintos considerados em algumas classificações de *perfect*, como de Pancheva (2003), que são resultantes da especificação positiva de um único traço funcional, o [resultativo].

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia teve como objetivo geral contribuir para a caracterização do aspecto *perfect* nas línguas. Como objetivo específico, buscou-se investigar a interpretação enquanto *perfect* resultativo ou experiencial de sentenças no português brasileiro formadas por um verbo ora incremental, ora não incremental no pretérito perfeito associado ao advérbio “já” e seguido de um sintagma determinante complemento verbal introduzido por um determinante ora definido, ora indefinido.

A metodologia empregada consistiu na aplicação de um teste linguístico que consistia na interpretação de sentenças formuladas com o advérbio “já”, um verbo ora incremental ora não incremental no pretérito perfeito e um DP complemento verbal iniciado por um determinante ora indefinido ora definido, para verificar a contribuição dessas configurações sentenciais para as interpretações de *perfect* experiencial e resultativo.

Partiu-se das seguintes hipóteses quanto às sentenças veiculadoras de *perfect* associado ao presente no PB: (i) independentemente do tipo de verbo (incremental ou não) empregado, sentenças com um DP complemento verbal introduzido por um determinante definido são sobretudo interpretadas como veiculadoras de *perfect* resultativo; (ii) independentemente do tipo de verbo (incremental ou não) empregado, sentenças com um DP complemento verbal introduzido por um determinante indefinido são sobretudo interpretadas como veiculadoras de *perfect* experiencial; (iii) sentenças com um DP complemento verbal introduzido por um determinante definido são mais interpretadas como veiculadoras de *perfect* resultativo quando formuladas com um verbo incremental do que quando formuladas com um verbo não incremental; (iv) sentenças com um DP complemento verbal introduzido por um determinante indefinido são mais interpretadas como veiculadoras de *perfect* experiencial quando formuladas com um verbo não incremental do que quando formuladas com um verbo incremental.

As quatro hipóteses do estudo não foram refutadas, uma vez que os resultados obtidos vão na direção delas. Contudo, destaca-se, no que concerne à hipótese (iv), que os resultados obtidos neste estudo não fornecem evidências que corroborem tal hipótese de maneira tão contundente, uma vez que houve apenas uma diferença sutil entre os resultados obtidos com sentenças com um DP complemento verbal introduzido por um determinante indefinido a depender do tipo de verbo. Especificamente, as sentenças com determinante indefinido e um verbo não incremental foram interpretadas como veiculadoras de *perfect* experiencial em 81%

dos casos e aquelas com determinante indefinido e um verbo incremental, como veiculadoras de *perfect* experiencial em 79% dos casos.

Por fim, concluímos que a proposta de classificação de *perfect* em três tipos, a qual contempla a distinção entre o *perfect* experiencial e o *perfect* resultativo como aspectos distintos (Pancheva, 2003), não aparenta ser a proposta de classificação de tipos de *perfect* mais pertinente. Logo, defende-se uma classificação de *perfect* em dois tipos, como *perfect* universal e *perfect* existencial (McCawley, 1981; Iatridou; Anagnostopoulou; Izvorski, 2003), o que parece mais compatível com o fato de *perfect* experiencial e resultativo serem resultantes da especificação positiva do traço funcional em uma única projeção sintática – o traço de [resultativo] em EPerfP (Nespoli, 2018) –, associado a uma determinada configuração sintático-semântica da sentença que envolve desde a natureza semântica de seu verbo à definitude dos determinantes nela empregados .

REFERÊNCIAS

- BERNARDES, L; NUMAKURA, A. **Resultado e experiência: leituras aspectuais a partir da definitude do determinante do complemento verbal no português brasileiro.** In: 12a SEMANA DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA DA UFRJ. Anais... Rio de Janeiro, UFRJ, 2023.
- BERNARDES, L. **Definitude do complemento verbal e interpretações aspectuais no francês.** In: 45a JORNADA GIULIO MASSARANI DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, TECNOLÓGICA, ARTÍSTICA E CULTURAL DA UFRJ. Anais... Rio de Janeiro: UFRJ, 2024
- BERNARDES, L. **As interpretações aspectuais de *perfect* no inglês americano: uma análise da definitude do determinante verbal.** In: 70º SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS (GEL) DO ESTADO DE SÃO PAULO. Anais... SÃO PAULO, UNICAMP, 2024
- BERNARDES, L. **Uma análise da definitude do determinante complemento verbal e a realização do aspecto perfect no italiano.** In: 13a SEMANA DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA DA UFRJ. Anais... Rio de Janeiro, UFRJ, 2024.
- BOK-BENNEMA, R. **Evidence for an Aspectual Functional Head in French and Spanish.** In: Progress in Grammar, E. Anagnostopoulou; M. van Oostendorp (eds.). Amsterdam/Utrecht/Delft: Roquade, 2001.
- CASTILHO, A. **Nova gramática do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2014.
- COMRIE, B. **Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems.** Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1976.
- CHAUDRON, C. **Data Collection in SLA Research.** In: DOUGHTY, C. J; LONG, M. H. (Org.). The Handbook of Second Language Acquisition, Malden, MA: Blackwell Publishing, p. 571-618, 2003.
- CHOMSKY, N. **Remarks on Nominalizations.** In: JACOBS, R. A.; ROSENBAUM, P. S. (Eds.). Readings in English transformational grammar. Waltham, Mass.: Ginn & Co, 1970. p.184-221.
- CHOMSKY, Noam. **Lectures on Government and Binding. *The Pisa Lectures.*** Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, Noam. **Syntactic Structures.** The Hague: Mouton, 1957.
- DOWTY, D. **Thematic proto-roles and argument selection.** Language, v. 67, n. 3, p. 547-619, 1991.
- FERRAREZI JR., Celso. **Semântica.** 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019. ISBN 978-8579341687.

GOMES, Ana Quadros; SANCHEZ-MENDES, Luciana. **Para conhecer: Semântica**. São Paulo: Contexto, 2018.

GOMES, J. **O comprometimento do aspecto perfect na doença de Alzheimer**. 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2020.

IATRIDOU, S.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; IZVORSKI, R. **Observations about the form and meaning of the perfect**. In: ALEXIADOU, A.; RATHER, M.; VON STECHOW, A. (Org.). *Perfect Exploration*. Berlin: Mouton de Gruyter (2003) p. 153-205.

KRIFKA, M. **The origins of telicity**. In: ROTHSTEIN, Susan (org.) *Events and grammar*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1998. p. 197–235.

LYONS, C. **Definiteness**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

MCCAWLEY, J. D. **Notes on the English Present Perfect**. Australian Journal of Linguistics, v. 1. p. 81- 90. 1981.

PANCHEVA, R. The aspectual makeup of Perfect participles and the interpretations of the Perfect. In: ALEXIADOU, A.; RATHER, M.; VON STECHOW, A. (Org.). **Perfect Explorations**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. 277-308.

POLLOCK, Jean-Yves. Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP. **Linguistic Inquiry**, v. 20, n. 3, p. 365-474, 1989.

NESPOLI, J. **Representação mental do perfect e suas realizações nas línguas românicas: um estudo comparativo**. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

MÜLLER, A. **Nomes nus e o parâmetro nominal no Português Brasileiro**. Revista Letras, Curitiba, v. 58, p. 331-344, 2002.

RODRIGUES, N.; MARTINS, A. **Evidências advindas da aquisição do português do Brasil para os tipos de perfect**. Revista Linguística, v. 15, n. 3, p. 161-184, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.31513/linguistica.2019.v15n3a28438>.

ROTHSTEIN, S. **Structuring events: a study in the semantics of lexical aspect**. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) — Bar-Ilan University, Ramat Gan, 2002.

SANT'ANNA, Amanda Alevato de; MARTINS, Adriana Leitão; GOMES, Jean Carlos da Silva. **A representação sintática do aspecto perfect: uma análise a partir de advérbios do português brasileiro**. Caderno de Squibs: Temas em Estudos Formais da Linguagem, v. 5, n. 1, p. 84–95, 2019.

VENDLER, Zeno. **Verbs and Times**. The Philosophical Review, Durham, v. 66, n. 2, p. 143-160, 1957.

VERKUYL, H. **On the compositional nature of the aspects**. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1972.

APÊNDICE A - TESTE DE INTERPRETAÇÃO DE SENTENÇAS

Lista A:

Daniel agora costura calça.

- (A) Daniel com certeza costura calça.
- (B) Daniel talvez costure calça.
- (C) Daniel não costura calça.

Joana agora conserta celular.

- (A) Joana talvez conserte celular.
- (B) Joana não conserta celular.
- (C) Joana com certeza conserta celular.

Amanda já encapou o livro.

- (A) Amanda teve a experiência de encapar o livro uma vez.
- (B) Amanda encapará o livro hoje.
- (C) Amanda fez o livro estar encapado neste momento.

Raquel agora ouve música.

- (A) Raquel com certeza ouve música.
- (B) Raquel não ouve música.
- (C) Raquel talvez ouça música.

Thales agora assiste televisão.

- (A) Thales não assiste televisão.
- (B) Thales com certeza assiste televisão.
- (C) Thales talvez assista televisão.

Laura já planejou um curso.

- (A) Laura fez um curso estar planejado neste momento.
- (B) Laura planejará um curso hoje.
- (C) Laura teve a experiência de planejar um curso uma vez.

Carla agora cozinha feijão.

- (A) Carla com certeza cozinha feijão.
- (B) Carla não cozinha feijão.
- (C) Carla talvez cozinhe feijão.

Igor agora aprende alemão.

- (A) Igor não aprende alemão.
- (B) Igor talvez aprenda alemão.
- (C) Igor com certeza aprende alemão.

Joana já assistiu o show.

- (A) Joana teve a experiência de assistir o show uma vez.
- (B) Joana assistirá o show hoje.
- (C) Joana fez o show estar assistido neste momento.

Bianca agora encomenda blusas.

- (A) Bianca talvez encomende blusas.
- (B) Bianca com certeza encomenda blusas.
- (C) Bianca não encomenda blusas.

Laura agora atende cliente.

- (A) Laura com certeza atende cliente.
- (B) Laura não atende cliente.
- (C) Laura talvez atenda cliente.

Maria já encheu um balde.

- (A) Maria teve a experiência de encher um balde uma vez.
- (B) Maria fez um balde estar cheio neste momento.
- (C) Maria encherá um balde hoje.

Millena agora vende maquiagem.

- (A) Millena talvez venda maquiagem.
- (B) Millena com certeza vende maquiagem.
- (C) Millena não vende maquiagem.

Jhonatan agora usa boné.

- (A) Jhonatan não usa boné.
- (B) Jhonatan talvez use boné.
- (C) Jhonatan com certeza usa boné.

Kaio já pintou a mesa.

- (A) Kaio fez a mesa estar pintada neste momento.
- (B) Kaio teve a experiência de pintar a mesa uma vez.
- (C) Kaio pintará a mesa hoje.

Arthur agora compra cigarros.

- (A) Arthur com certeza compra cigarros.
- (B) Arthur talvez compre cigarros.
- (C) Arthur não compra cigarros.

Gabriela agora ajuda idoso.

- (A) Gabriela não ajuda idoso.
- (B) Gabriela talvez ajude idoso.
- (C) Gabriela com certeza ajuda idoso.

Marcos já leu um livro.

- (A) Marcos teve a experiência de ler um livro uma vez.
- (B) Marcos lerá um livro hoje.
- (C) Marcos fez um livro estar lido neste momento.

Márcia agora passeia de carro.

- (A) Márcia com certeza passeia de carro.
- (B) Marcia talvez passeie de carro.
- (C) Márcia não passeia de carro.

Lucas agora corta cabelo.

- (A) Lucas talvez corte cabelo.
- (B) Lucas com certeza corta cabelo.

(C) Lucas não corta cabelo.

Luana já pesquisou o artigo científico.

(A) Luana pesquisará o artigo científico hoje.

(B) Luana teve a experiência de pesquisar o artigo científico uma vez.

(C) Luana fez o artigo científico estar pesquisado neste momento.

Mauro agora ensina matemática.

(A) Mauro talvez ensine matemática.

(B) Mauro com certeza ensina matemática.

(C) Mauro não ensina matemática.

Mônica agora canta samba.

(A) Mônica não canta samba.

(B) Mônica talvez cante samba.

(C) Mônica com certeza canta samba.

José já descascou um legume.

(A) José descascará um legume hoje.

(B) José já teve a experiência de descascar um legume uma vez.

(C) José fez um legume estar descascado neste momento.

Wallace agora conta história.

(A) Wallace com certeza conta histórias.

(B) Wallace talvez conte histórias.

(C) Wallace não conta histórias.

Carolina agora bebe refrigerante.

(A) Carolina não bebe refrigerante.

(B) Carolina talvez beba refrigerante.

(C) Carola com certeza bebe refrigerante.

Camila já imprimiu o documento.

(A) Camila imprimirá o documento hoje.

- (B) Camila fez o documento estar impresso neste momento.
- (C) Camila teve a experiência de imprimir o documento uma vez.

Maria agora organiza festa.

- (A) Maria talvez organize festa.
- (B) Maria com certeza organiza festa.
- (C) Maria não organiza festa.

Carlos agora limpa carro.

- (A) Carlos não limpa carro.
- (B) Carlos talvez limpe carro.
- (C) Carlos com certeza limpa carro.

Marcos já experimentou um terno.

- (A) Marcos teve a experiência de experimentar um terno uma vez.
- (B) Marcos fez um terno estar experimentado neste momento.
- (C) Marcos experimentará um terno hoje.

Mateus agora estuda engenharia.

- (A) Mateus com certeza estuda engenharia.
- (B) Mateus talvez estude engenharia.
- (C) Mateus não estuda engenharia.

Marcello agora monta móvel.

- (A) Marcello não monta móvel.
- (B) Marcello com certeza monta móvel.
- (C) Marcello talvez monte móvel.

Marcos já lançou a bola.

- (A) Marcos lançará a bola hoje.
- (B) Marcos teve a experiência de lançar a bola uma vez.
- (C) Marcos fez a bola estar lançada neste momento.

Bianca agora responde e-mail.

- (A) Bianca não responde e-mail.
- (B) Bianca com certeza responde e-mail.
- (C) Bianca talvez responda e-mail.

Ana agora decora árvore de natal.

- (A) Ana com certeza decora árvore de natal.
- (B) Ana talvez decore árvore de natal.
- (C) Ana não decora árvore de natal.

Adriana já escreveu um resumo.

- (A) Adriana teve a experiência de escrever um resumo uma vez.
- (B) Adriana fez um resumo estar escrito neste momento.
- (C) Adriana escreverá um resumo hoje.

Lista B:

Daniel agora costura calça.

- (A) Daniel com certeza costura calça.
- (B) Daniel talvez costure calça.
- (C) Daniel não costura calça.

Joana agora conserta celular.

- (A) Joana talvez conserte celular.
- (B) Joana não conserta celular.
- (C) Joana com certeza conserta celular.

Laura já planejou o curso.

- (A) Laura fez o curso estar planejado neste momento.
- (B) Laura planejará o curso hoje.
- (C) Laura teve a experiência de planejar o curso uma vez.

Raquel agora ouve música.

- (A) Raquel com certeza ouve música.
- (B) Raquel não ouve música.

(C) Raquel talvez ouça música.

Thales agora assiste televisão.

(A) Thales não assiste televisão.

(B) Thales com certeza assiste televisão.

(C) Thales talvez assista televisão.

Joana já assistiu um show.

(A) Joana teve a experiência de assistir um show uma vez.

(B) Joana assistirá um show hoje.

(C) Joana fez um show estar assistido neste momento.

Carla agora cozinha feijão.

(A) Carla com certeza cozinha feijão.

(B) Carla não cozinha feijão.

(C) Carla talvez cozinhe feijão.

Igor agora aprende alemão.

(A) Igor não aprende alemão.

(B) Igor talvez aprenda alemão.

(C) Igor com certeza aprende alemão.

Maria já encheu o balde.

(A) Maria teve a experiência de encher o balde uma vez.

(B) Maria fez o balde estar cheio neste momento.

(C) Maria encherá o balde hoje.

Bianca agora encomenda blusas.

(A) Bianca talvez encomende blusas.

(B) Bianca com certeza encomenda blusas.

(C) Bianca não encomenda blusas.

Laura agora atende cliente.

(A) Laura com certeza atende cliente.

(B) Laura não atende cliente.

(C) Laura talvez atenda cliente.

Kaio já pintou uma mesa.

- (A) Kaio fez uma mesa estar pintada neste momento.
- (B) Kaio teve a experiência de pintar uma mesa uma vez.
- (C) Kaio pintará uma mesa hoje.

Millena agora vende maquiagem.

- (A) Millena talvez venda maquiagem.
- (B) Millena com certeza vende maquiagem.
- (C) Millena não vende maquiagem.

Jhonatan agora usa boné.

- (A) Jhonatan não usa boné.
- (B) Jhonatan talvez use boné.
- (C) Jhonatan com certeza usa boné.

Marcos já leu o livro.

- (A) Marcos teve a experiência de ler o livro uma vez.
- (B) Marcos lerá o livro hoje.
- (C) Marcos fez o livro estar lido neste momento.

Arthur agora compra cigarros.

- (A) Arthur com certeza compra cigarros.
- (B) Arthur talvez compre cigarros.
- (C) Arthur não compra cigarros.

Gabriela agora ajuda idoso.

- (A) Gabriela não ajuda idoso.
- (B) Gabriela talvez ajude idoso.
- (C) Gabriela com certeza ajuda idoso.

Luana já pesquisou um artigo científico.

- (A) Luana pesquisará um artigo científico hoje.

- (B) Luana teve a experiência de pesquisar um artigo científico uma vez.
- (C) Luana fez um artigo científico estar pesquisado neste momento.

Márcia agora passeia de carro.

- (A) Márcia com certeza passeia de carro.
- (B) Marcia talvez passeie de carro.
- (C) Márcia não passeia de carro.

Lucas agora corta cabelo.

- (A) Lucas talvez corte cabelo.
- (B) Lucas com certeza corta cabelo.
- (C) Lucas não corta cabelo.

José já descascou o legume.

- (A) José descascará o legume hoje.
- (B) José já teve a experiência de descascar o legume uma vez.
- (C) José fez o legume estar descascado neste momento.

Mauro agora ensina matemática.

- (A) Mauro talvez ensine matemática.
- (B) Mauro com certeza ensina matemática.
- (C) Mauro não ensina matemática.

Mônica agora canta samba.

- (A) Mônica não canta samba.
- (B) Mônica talvez cante samba.
- (C) Mônica com certeza canta samba.

Camila já imprimiu um documento.

- (A) Camila imprimirá um documento hoje.
- (B) Camilia fez um documento estar impresso neste momento.
- (C) Camila teve a experiência de imprimir um documento uma vez.

Wallace agora conta história.

- (A) Wallace com certeza conta histórias.
- (B) Wallace talvez conte histórias.
- (C) Wallace não conta histórias.

Carolina agora bebe refrigerante.

- (A) Carolina não bebe refrigerante.
- (B) Carolina talvez beba refrigerante.
- (C) Carola com certeza bebe refrigerante.

Marcos já experimentou o terno.

- (A) Marcos teve a experiência de experimentar o terno uma vez.
- (B) Marcos fez o terno estar experimentado neste momento.
- (C) Marcos experimentará o terno hoje.

Maria agora organiza festa.

- (A) Maria talvez organize festa.
- (B) Maria com certeza organiza festa.
- (C) Maria não organiza festa.

Carlos agora limpa carro.

- (A) Carlos não limpa carro.
- (B) Carlos talvez limpe carro.
- (C) Carlos com certeza limpa carro.

Marcos já lançou uma bola.

- (A) Marcos lançará uma bola hoje.
- (B) Marcos teve a experiência de lançar uma bola uma vez.
- (C) Marcos fez uma bola estar lançada neste momento.

Mateus agora estuda engenharia.

- (A) Mateus com certeza estuda engenharia.
- (B) Mateus talvez estude engenharia.
- (C) Mateus não estuda engenharia.

Marcello agora monta móvel.

- (A) Marcello não monta móvel.
- (B) Marcello com certeza monta móvel.
- (C) Marcello talvez monte móvel.

Adriana já escreveu o resumo.

- (A) Adriana teve a experiência de escrever o resumo uma vez.
- (B) Adriana fez o resumo estar escrito neste momento.
- (C) Adriana escreverá o resumo hoje.

Bianca agora responde e-mail.

- (A) Bianca não responde e-mail.
- (B) Bianca com certeza responde e-mail.
- (C) Bianca talvez responda e-mail.

Ana agora decora árvore de natal.

- (A) Ana com certeza decora árvore de natal.
- (B) Ana talvez decore árvore de natal.
- (C) Ana não decora árvore de natal.

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO



Por meio desta, declaro, para os devidos fins, que conheço as condições e regras da tarefa, minha participação voluntária e meus direitos com relação à interrupção da tarefa a qualquer momento.

APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO PESSOAL

Quantos anos você tem? *

Texto de resposta curta

Sexo *

- ☐ Masculino
- ☐ Feminino
- ☐ Prefiro não dizer
- ☐ Outro

Em que cidade você nasceu? *

Texto de resposta curta

Em qual cidade você passou a maior parte da sua infância? *

Texto de resposta curta

Nível de escolaridade *

☐ Cursando ensino médio

☐ Ensino médio completo

☐ Cursando graduação

☐ Graduação completa

☐ Cursando especialização

☐ Especialização completa

☐ Cursando mestrado

☐ Mestre

☐ Cursando doutorado

☐ Doutor

☐ Outro:

Língua(s) falada(s) até os 12 anos de idade *

☐ Português

☐ Espanhol

☐ Francês

☐ Italiano

☐ Inglês

☐ Russo

☐ Outro:

Você possui algum diagnóstico ou se autodeclara com algum tipo de neuroatipicidade (ex: TEA, TDH, dislexia, superdotação, etc.)? *

☐ Sim

☐ Não

Se você respondeu "sim" na respostas acima, poderia especificar qual seu diagnóstico ou qual tipo de neuroatipicidade você declara ter?

Texto de resposta longa

Se você respondeu "sim" acerca de neuroatipicidade, marque abaixo a(s) opção(ões) que melhor descreve(m) o seu caso.

☐ Eu me autodeclaro assim.

☐ Fui diagnosticado por profissional como neurologista ou psiquiatra.

☐ Fui diagnosticado por profissional como psicólogo ou fonoaudiólogo.

☐ Estou em avaliação por profissional da área da saúde com sugestão de diagnóstico.